Editorial

"Caladas na Igreja", por quê?

Mosaico Apoio Pastoral deste maio de 2012 mantém a tradição recente de contribuir com o tema da da Semana Wesleyana da FaTeo. Neste ano, a Semana desenvolverá o tema "Caladas na Igreja? Mulheres e Igrejas nos dias de Hoje", a propósito dos 40 anos da aprovação da ordenação de mulheres para o Ministério Pastoral pela Igreja Metodista no Brasil. O objetivo de *Mosaico* é contribuir com a dinamização e o estímulo para uma mobilização da Igreja em torno desta temática, trazendo outras contribuições para além daquelas que serão oferecidas na Semana.

As mulheres podem, sim, ir além da maternidade e da cozinha

O tema é instigante e muito apropriado. Como pode ser lido nos artigos da revista, por mais que a postura de fechamento da Igreja à contribuição das mulheres nas posições de liderança, governo e poder se tenha transformado e elas experimentem mais abertura e espaço para contribuírem com a vida das comunidades, ainda há um longo caminho a ser trilhado. Caminho que passa por uma releitura da Bíblia, da Teologia, do mundo, e por um reconhecimento de quanto e quando a Igreja opta por um ajuste aos valores predominantes nas sociedades em detrimento dos valores do Reino de Deus.

Num tempo em que a própria sociedade avança e se transforma com mais aceitação de que as mulheres podem, sim, ir além da maternidade e da cozinha (o Brasil vive uma democracia chefiada pela primeira vez por uma mulher, por exemplo), é a chance de a Igreja reconhecer como Deus tem agido entre mulheres e homens vida afora, reafirmando possibilidades de parceria entre os gêneros, e não submissão ou concorrência, e ampliar as condições dentro dos seus próprios arraiais como um testemunho ao mundo. Ler *Mosaico* é renovar a inspiração para isto!

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 20, nº 50,
Janeiro/Junho de 2012

Publicação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

Universidade Metodista de São Paulo - Reitor: Márcio de Moraes

Faculdade de Teologia: Reitor/Diretor: Paulo Roberto Garcia **Vice-Reitor:** Nicanor Lopes **Diretor Administrativo:** Otoniel Luciano Ribeiro

Editeo - Comissão Editorial Blanches de Paula, Helmut Renders (coordenador), José Carlos de Souza, Magali do Nascimento Cunha, Tércio Machado Siqueira

Editora de Mosaico: Magali do Nascimento Cunha

Projeto gráfico: Luiz Carlos Ramos; **Editoração e Arte final:** Marcos Brescovici; **Capa:** Marcos Brescovici **Edição e montagem de imagens:** Marcos Brescovici**; Imagens:** sites: www.corbis.com, www.sxc.hu, **Assistente de Produção:** Fagner Pereira dos Santos **Tiragem deste número**: 2.500 exemplares. **Distribuição gratuita.**

*
* * *
*

Mosaico Apoio Pastoral
Editeo
Caixa Postal 5151, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, CEP 09731-970

Fone: (0__11) 4366-5958

editeo@metodista.br

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 2 14/05/2012 16:42:34

O lugar teológico das mulheres

Rosangela Soares de Oliveira

Um dos principais foco do meu ministério pastoral tem sido a formação de lideranca de mulheres na missão a partir da perspectiva dos direitos humanos. Creio que a fonte desta enfase está na minha experiência pessoal de estudar teologia nos primeiros anos em que tanto a Faculdade de Teologia, em São Bernardo do Campo, como a Igreja Metodista no Brasil estavam experimentando, na prática, a decisão canonica de reconhecer a vocação pastoral das mulheres ao presbiterato. Enquanto meus pais sonhavam e criaram as condições para as filhas acederem à educação superior para uma formação profissional, na Faculdade de Teologia eu escutava que o destino das mulheres estudando teologia era um bom casamento ou a secretaria da Igreja. De fato, foi durante os anos na Faculdade de Teologia que eu me dei conta da desigualdade social e estrutural entre homens e mulheres. Ali eu aprendi a reconhecer as formas explícitas e veladas de discriminação contra as mulheres na Igreja, ao mesmo tempo em que fui levada a me envolver com processos de enfrentamento desta discriminação.

Mas ao deslocar um pouco o foco do que acontecia no ano de 1975, quando cheguei à Faculdade de Teologia, me deparo com o fato de que aquele era o Ano Internacional das Mulheres, da Primeira Conferência da ONU sobre as Mulheres, no México. No final da década de 70, a ONU aprovava a Convenção para Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres. Ainda que no Brasil estivéssemos no auge da ditadura militar, mulheres no País e ao redor do mundo, incluindo brasileiras exiladas, se agrupavam para discutir e lutar para criar consciência sobre os direitos humanos das mulheres. Consciente ou não deste momento histórico, este é o contexto no qual emergem as primeiras experiências de mulheres pastoras no metodismo brasileiro.

A pergunta sobre o lugar

Estas primeiras experiências de mulheres pastoras enfrentaram abertamente a pergunta sobre o lugar das mulheres na Igreja. O tema deste *Mosaico* demonstra, no entanto, a presença constante desta pergunta na instituição, na leitura da Bíblia, na ação missionária e nas decisões de governo eclesial. Qual é o lugar das mulheres na Igreja? Em que situações a gente se pergunta pelo lugar das mulheres na Igreja? O que me vem à mente é a provocação de Jesus aos seus discípulos.

> Naquela hora chegaram-se a Jesus os discípulos e perguntaram: Quem é o maior no reino dos céus? Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles, e disse: Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. E qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta, a mim me recebe. (Mateus 18:1-5)

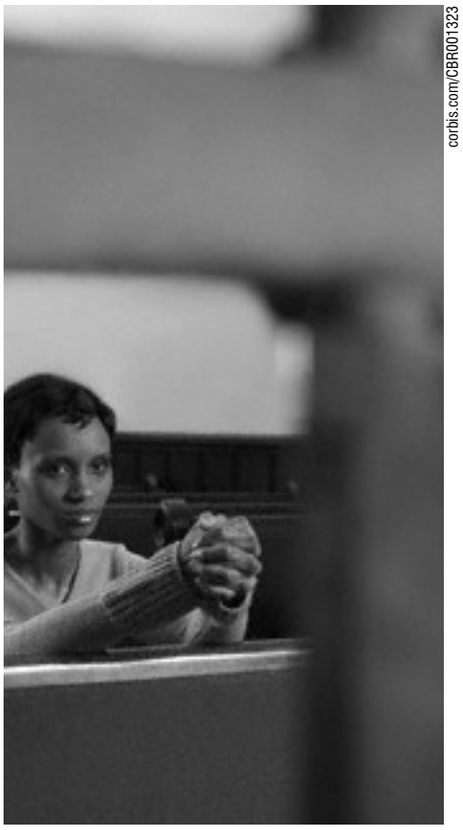
A pergunta pelo lugar das mulheres ecoa a pergunta dos discípulos sobre quem é o maior no reino dos céus? Afinal, qual é o lugar dos discípulos no reino dos céus? Se substituirmos criança por mulher, que impacto a fala de Jesus nos causa?

Francisco Reyes Archila, no seu artigo na *Revista Ribla* nº 27,

Arquivo Igreja Metodista

fala da violência simbólica da sociedade patriarcal que exclui mulheres e criancas inclusive a partir da lei. Se lermos este texto bíblico acima percebendo a violência simbólica contra as crianças, vemos como Jesus provoca essa estrutura excludente e gesta um novo paradigma. A criança – excluída na sociedade patriarcal – é trazida para o centro da narrativa deslocando a disputa dos discípulos

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 3 14/05/2012 16:45:03


corbis.com/CBR001323

e apontando uma nova medida de vida no reino dos céus. Tornar-se como criança significa dar-se conta das diferenças e semelhanças. Ou seja, desconstruir a violência simbólica através da conversão dos pensamentos, sentimentos, representações de valores, e linguagens. E isto é um processo de uma nova espiritualidade, afirma Archila.

Certamente, mulheres e homens em disputa por serem o maior no reino dos céus, precisam escutar esta profecia de Jesus em Mateus 18. Caso contrário, estarão correndo o risco de nunca experimentarem o receber este Jesus. Mas ao fazer o exercício da ousadia hermenêutica, proponho trocar a criança por uma mulher. E diante da pergunta sobre o lugar da mulher na Igreja, vejo Jesus trazendo a mulher para o centro da roda (como fez com a mulher a ser apedrejada), e dizer que quem não ousar a testemunhar a tempo e fora de tempo como fazem as mulheres, de modo algum entrará no reino dos céus. Portanto, quem se tornar humilde como esta mulher, esse é o maior no reino dos céus. E qualquer que receber em meu nome uma mulher tal como esta, a mim me recebe.

No fundo, por trás da pergunta sobre o lugar das mulheres na Igreja há uma violência simbólica que insinua que as mulheres, assim como as crianças, estão indevidamente ocupando um lugar que não lhes cabe por direito, ou por dom divino. Assim, a intensa presença das mulheres no movimento de Jesus é invisibilizada na instituicionalização dos Doze Discípulos. Isto me faz lembrar, quando na Igreja Evangélica Metodista em Nicarágua, eu comentava sobre Tabita, a discípula, em Atos 9.36, e Mirna com surpresa dizia que nunca tinha ouvido falar que Tabita ou Dorcas era discípula. "Então, havia discípula entre os Doze?"

O lugar do enfrentamento

Nestes últimos dez anos, eu estive trabalhando como missionária regional das Mulheres Metodistas Unidas na América Latina para criar oportunidades de formação de liderança de mulheres para missão. Em todos os países em que estive, e em todas as atividades nas quais participei ou promovi, escutei testemunhos de mulheres metodistas ou de outras denominações, que expressavam o enfrentamento à violência simbólica de estarem "fora do seu lugar" quando estão em liderança na igreja. Escuto a voz de Carmen, do México, me contando sua dor porque o Bispo telefonou para sua casa para dizer ao seu marido que ele não deveria deixá-la viajar para os congressos de mulheres. "Por que o Bispo se mete entre eu e meu marido criando um conflito onde não existia?"

Adelina Zuñiga, da Igreja Remanso de Paz, na Colômbia conta como ela e sua comunidade tiveram que deixar as suas terras após o massacre impetrado pelos paramilitares em Matayepo. Era uma comunidade rural afro-colombiana, que, assentada na cidade de Sincelejo, se manteve coesa na igreja pentecostal sob sua liderança. Quando a comunidade se aquietou, os pastores da denominação disseram a Adelina que ela tinha que entregar a liderança porque mulher não pode ser pastora de igreja. Não demorou nem um ano, para os pastores reconhecerem que a carência humana causada pelos traumas do massacre era profunda e devolverem a liderança da igreja a Adelina. Com a voz embargada, Adelina conta seu testemunho a outras mulheres no Curso sobre Relações de Gênero na Igreja. Diante da violência armada no campo e da violência simbólica na igreja, Adelina criou um ministério pastoral que

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 4 14/05/2012 16:45:03

demanda do governo a devolução das terras que eles tiveram que abandonar, acompanha a sua comunidade "desplazada" na demanda por seus direitos na cidade de assentamento, promove capacitação para jovens e mulheres, e desenvolve processos de formação que alivia os traumas causados por tanta violência social. Como diz Elza Tamez, Adelina, como tantas outras mulheres tomaram a palavra. Uma palavra sagrada. Uma palavra pública. Uma palavra ética.

Em setembro do ano passado, líderes da Confederação das Sociedades Metodistas de Mulheres do Brasil em conjunto com Mulheres Metodistas Unidas dos EUA se uniram na campanha para a eliminação da violência doméstica e do tráfico humano que vitimizam mulheres e adolescentes no mundo. Juntas visitamos organizações ecumênicas, grupos comunitários, projetos metodistas e Centros de Referência do governo em São Paulo e em Fortaleza. A esta iniciativa chamada Ubuntu, mulheres metodistas 'saíram do seu lugar' para ver a vida a partir do lugar da outra, e ao fazer isto uma desafiante realidade se descortinou. Nomes e rostos apareceram no lugar das estatísticas de violência e de tráfico humano: trabalhadores e trabalhadoras bolivianas nas fábricas de roupas clandestinas em São Paulo, adolescentes nas praias de Iracema em Fortaleza, líderes das sociedades de mulheres vivendo em situação de violência física ou emocional com seus maridos ou ex-maridos. Como disse Almerinda Frota, "agora eu sei o que podemos fazer para prevenir a violência". Lugares construídos a partir da mutualidade!

O lugar da missão

Ao escutar a fala das mulheres, dou-me conta que o lugar teológico da mulher na igreja é o portal. É o lugar limítrofe entre o adentrar até o púlpito e ser enviado como mensageira de boas novas. Várias mulheres estiveram e estão neste portal criando novos lugares de missão a partir do seu encontro com o Espírito da Vida. A mulher samaritana anuncia o seu encontro com "a água viva". As mulheres discípulas anunciam a ressurreição de Jesus. As mulheres do início do movimento metodista se incluíram no ministério da pregação. As missionárias no século XIX trouxeram as mulheres para as escolas e hospitais. As mulheres líderes do século XX subiram nos púlpitos e sentaram nas mesas ocupadas por bispos. As teólogas trouxeram para a teologia a experiência das mulheres em busca por transformação de sua situação de exclusão social para serem sujeitos da história. As mulheres, na fronteira entre o lugar que lhes é assignado para o lugar que elas constróem, se viram na galeria dos mártires. As mulheres no portal da missão vão às ruas em ações por justiça e por uma vida livre de todas as formas de violências.

A Igreja é a comunidade que se faz presente no mundo em nome do amor de Deus. As mulheres, ao longo de toda a história, com reconhecimento eclesiástico ou não, ocuparam o lugar da missão. Missão que se faz na rua, na casa, no templo, no púlpito, no mercado, na escola, nas praças, nas fábricas, nos parlamentos, na travessia... O lugar das mulheres é des-

arquivo Igreja Metodista

fazer lugares, desconcertar o estabelecido, entrar na roda com Jesus, por puro amor e graça que vem de Deus. Este é o caminho para estar no reino dos céus.

Revda. Rosângela Soares de Oliveira é presbítera metodista da 1ª Região Eclesiástica (Estado do Rio de Janeiro), servindo como Diretora-Executiva do Comitê Internacional do Dia Mundial de Oração.

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 5 14/05/2012 16:45:03

“Entreguem as terras às filhas de Zelofeade”

A propósito das mulheres no governo da Igreja

Marisa de Freitas Ferreira

Só mais uma história

Quando adolescente ouvi de uma pessoa muito querida e que era a minha professora na Escola Dominical : “Marisa fará o curso de Teologia. Mas não se preocupem: ela não será pastora. Fará o curso para conhecer mais a Palavra de Deus.” Eu admirava tanto aquela irmã que ouvi as suas palavras e apenas senti o eco delas em minha alma. Cheguei a pensar: “estarei equivocada por desejar ser pastora? Cometo algum delito?”

Por outro lado não entendi porque ela dissera aquelas palavras. Ela nunca conversara comigo acerca do assunto... e definira o curso da minha vida com tanta convicção que conseguira perturbar-me. Não entendia de onde surgira toda aquela palavra de certeza e de determinação dela para comigo.

O tão comum...

A juventude e o pouco conteúdo crítico da realidade, e especialmente da de gênero, não me permitiram levar aquelas indagações adiante. Eu não saberia por onde começar. Certamente ela não me vira como alguém incapaz para o pastorado – ou até capaz, mas impossibilitada por alguma razão; ou alguém com espiritualidade não condizente com aquela necessária para o exercício do ministério pastoral. Que mais poderia ser? Aquelas palavras vieram de uma pessoa idônea, líder na família, arrojada, respeitada até pelo poder instituído daquela cidade... Mulher de família com recursos financeiros. Sempre muito elegante. Conhecedora da Palavra. Ela jamais diria algo que não fosse significativo. Então se entendia que eu não seria pastora. Estaria certa? Ou eu, para ser pastora, teria que decepcionar aquela a quem admirava? O que ela teria contra mim?

Pareceu-me apenas isto: um comentário pessoal, acerca da minha vida, por questões provavelmente de origem relacional. O que mais poderia ser? Este era o lugar comum para mim – não conhecia outras razões que pudessem levá-la a falar por mim, tal como fizera. Indisposição pessoal era só o que eu conseguia supor – fora neste lugar comum que eu conseguira encaixar aquele incidente.

Nem tão comum assim

Depois vem o tempo da saída do lar materno/paterno. Outros espaços. Outros ninhos. Outros abrigos. Outras ordens e valores. Outras terras. Tempo de juventude e de busca da autonomia. Entre os desejos pulsantes (manifestação do Id) e as introjetadas simbologias e representações das hiper-autoridades (super-Ego) constrói-se um alguém sempre surpreendente. E sempre em reforma. Neste espaço de tempo é que, entre tantas descobertas, ocorreu a de que havia muito mais entre o céu e a terra do que imaginava a minha pueril filosofia. O comentário daquela minha professora de Escola Dominical não era algo tão simples assim. E muito menos ligado a questões pessoais dela para comigo. Mesmo desconhecendo aquele imenso iceberg, o que se apresentara a mim fora apenas uma sua pontinha discretíssima à flor d’água. O iceberg tinha tamanho descomunal. E o mais drástico: na maior parte do tempo parecia nem existir, porque estava sempre escondido em águas geladas, profundas e aparentemente acolhedoras. E não era um iceberg isolado. Havia muitos outros ao lado daquele, fazendo um bloco imenso e ameaçador tanto a barquinhos quanto a navios. Quando menos se soubesse deles (icebergs) menos preocupação à vista. Quanto mais se soubesse deles, mais se saberia que andar por aquelas águas exigiria sempre um grande esforço de navegação. Desconhecer o tamanho e ameaças daqueles blocos de gelo poderia ser fatal – mas a morte poderia ser tão súbita ou tão aparentemente inofensiva, que era indiferente. Já o contrário era penoso, embora possibilitasse vida longa e significativa.

O encoberto

A questão da mulher no governo da Igreja se assemelha muito a esses icebergs já antes citados.

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 6 14/05/2012 16:45:03

Aqui ou acolá se descobre uma pontinha deste monstro de gelo. É uma aula aqui, um questionamento aqui, um comentário acolá, uma concessão lá mais adiante... Até há quem esteja nos barquinhos e pense que nem sequer existe um iceberg. O que há é só este inofensivo e delicado pedacinho de terra-gelada, onde descansa uma morsa ou um pingüim. Tudo tão bonito! Até que...

Pois então se percebe que há alguma coisa que não aparece, mas que danifica até o Titanic. Que coisa é esta?

Agora sem parábolas

Só o fato de se tratar de governo feminino na Igreja já é evidência de que não é algo comum e que, portanto, precisa ser explicado, esclarecido, apresentado, e tantos outros "ados", que num dado momento há que se perguntar mesmo: "Em que águas estou navegando?"

Falar de governo feminino não é falar de governo feminino. É falar de um governo. Um governo já existente. Que já tem proprietário. Que já é estabelecido. Que sempre foi e sempre será. Qualquer outro governo não é este governo. É um outro. Que precisa achar um lugar outro. Que precisa ter seus comandos outros. Que precisa achar seus reinos outros.

Quem governa aqui?

O governo é uma necessidade. Se há um ajuntamento de pessoas há que haver uma forma de organização. Só assim todos/as terão uma convivência possível. Se há pessoas, então também há desejos, percepções, interesses, sentimentos, alvos, pretensões. Como conviver com todas estas demandas se não houver, harmonicamente, espaços e limites para todos/as? A arte de perceber, decifrar e organizar as forças geradas destes ajuntamentos é, na verdade, uma arte. É uma qualidade, adquirida ou intuitiva, extremamente marcante para toda e qualquer vida humana. Qualquer espaço sem governo pode se tornar uma ameaça à vida. Por outro lado o exercício do governo pode gerar dois grandes outros perigos e ameaças à vida:

> Aquele/a que governa confundir sua existência com a sua função. Confundir a função, que é uma instrumentalidade, como sendo o absoluto produto final. Confundir governados/as com objetos de manobra que só tem sentido enquanto garantam os benefícios e a perpetualidade da função. Confundir a "cadeira do governo" como sendo a do próprio Deus.

> Aquele/a que não está no exercício do governo entender que função de governo é sinônimo de absolutismo, de superioridade, de ordem estabelecida para toda a eternidade. Confundir-se, enquanto governado/a, como sendo o mesmo que ser escravo/a, um/a predestinado/a a sujeitar-se; como sendo um ser inferior e menos capaz; como sendo ilegítimo questionar aquele/a que foi escolhido/a para ser governo.

As razões para tudo isto constituem verdadeiros e grandes icebergs para a vida da humanidade. Parece que falar de governo, não sendo o já vigente e estabelecido (e quer seja religioso, político, econômico, de gênero, de classe social, etc), é insistir em ver "problemas onde os mesmos não estão". É como se se quisesse retirar a beleza e a poesia da cena mágica da ponta do iceberg. É como se se quisesse tirar o sossego daqueles/as que descansam nos braços esplêndidos das "pátrias amadas".

Quem manda aqui?

Tratar de governo é como virar o iceberg de cabeça para baixo, deixando exposta aquela imensidão de gelo que parecia inofensiva. Esta parte "oculta" é, NA VERDADE, o problema: tal como falar de governo é fazer a pergunta maior: QUEM É QUE MANDA AQUI? Não se pergunta quem é que GOVERNA AQUI, mas sim QUEM MANDA AQUI. Há uma diferença gritante entre governar e mandar. O governo tem razões comunitárias de ser – é para que se organize e se torne viável a vida de todos/as, com garantias justas também para todos/as. Este será sempre o sentido do governo que Deus permanentemente exerce para com toda a sua criação. Este será sempre o governo que Deus, pelo tempo, quis que o seu povo assumisse.

Este governo, como procedente de Deus, tem regras e limites e leis. Tem alvos maiores que os individuais. Vai além dos interesses puramente humanos e naturais. Transcende todas as perspectivas culturais, religiosas e morais. Todo e qualquer interesse deste governo está a serviço do governo de Deus. Deus é o grande e único Senhor deste governo. Todos/as, governantes e governados/as, são igualmente alvos do amor de Deus. Enquanto missionários/as das causas divinas, governantes e governados/as revezam-se em seus status. Ora são governantes; ora são governados/as. O governo não é fim em si mesmo; ele é instrumento de ser-

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 7 14/05/2012 16:45:03

viço que se move por este clamor: "Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o Teu Nome. Venha o Teu Reino e seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu...". Ele se alimenta de um princípio básico de Lei: "...buscai primeiro o Reino de Deus e todas as outras coisas vos serão acrescentadas".

Mas para quem estas verdades fazem sentido? Elas mais se parecem com as loucuras da crise existencial da Alice, naquele País das Maravilhas. O mundo real era que lhe parecia louco. Nele havia uma rainha de cabeça enorme, que sabia dar ordens como ninguém – e que pode ser comparada às figuras de autoridade que carregam a enorme cabeça do poder, usando-o despoticamente. Os coelhos correm o tempo todo atrás das horas, a ponto de sequer saberem para que e para onde haverão de correr – mas há que correr porque a urgência das tarefas assim exige. Há um gato "amalucado" que disfarça suas indagações com um sorriso imenso, entendendo que assim manterá tudo sobre controle. E por aí vai. Alice era uma adolescente que se confrontava com o mundo dos/as adultos/as. E sob o olhar de uma adolescente aquele mundo adulto mais parecia um desatino. Entretanto ela sai do oirismo e vivencia a realidade quando começa a aceitar a realidade do "país das maravilhas".

Parece-me que o mundo vigente se parece com este "país das maravilhas". Ele é o mundo que predomina, mas quando o olho com os óculos da fé, tendo a reagir como Alice, concluindo que ele é LOUCO. O parâmetro do evangelho de Jesus Cristo me deixa claro que, apesar de ser dominante, este século está em PECADO (desvio do alvo de Deus).

Dando nome à "Rainha"

Retomando as premissas do mundo da "Alice", a rainha de cabeça enorme é o próprio símbolo do poder dominante. Este é o poder de comando, embora não signifique que seja o melhor, o mais justo, o mais sensato, o mais honesto. Enfim, não significa que agrade o coração de Deus.

Se é assim, porque é que domina? Estou certa de que antropólogos/as, cientistas políticos, sociólogo/as e afins teriam uma resposta calcada por saberes acadêmicos de excelente qualidade. A estas me permito acrescentar a visão que apreendo: manda quem tem mais poder econômico e político, sobretudo. Graças à contaminação pelo pecado, o ser humano deixa-se guiar muito mais comumente por interesses pessoais que por princípios altruístas e divinos. E em cima destes interesses é que desenvolve seus discursos e suas práticas de governo.

O gênero e o poder

O resultado final conta muito nesta forma de comando. Predominantemente não há preocupação com resultados de escala de valores éticos, morais, de vida plena à humanidade, de restauração de princípios cristãos, de preservação da obra divina criada ou semelhante. O resultado mais desejado é o do lucro do capital. Conta mais ponto quem obtém mais riquezas em bens móveis, em riquezas que a traça e a ferrugem consomem.

Nesta escala de valor econômico, é mais apreciado/a quem produz riquezas mensuráveis em moeda (e quanto mais forte esta, melhor). Assim é que são tidos/as como de menor valia todos/as os/as que podem ser obstáculo ao ritmo da produção de riquezas – ou que podem torná-lo lento. Assim é que crianças e mulheres (e suas pretensas fragilidades – sem contar a gravidez e o tempo de licença maternidade) são avaliados/as como verdadeiros freios para a produção de capital). Aqueles que correm em busca da produção das riquezas não têm tempo de se deter com funções menores como a do exercício da paternidade/maternidade, à educação das crianças, ao cuidado com o local da residência, ao lazer em família, à vivência da fé ou similares. Reconhece-se, teoricamente, que todas estas vertentes têm o seu valor, mas o peso "das moedas" fala mais alto. Além disso, o mercado não perdoa, em hipótese alguma, quem se detém com tais atividades – as leis da competitividade logo tratam de substituí-los/as. Este mundo do capital não tem espaço para outras prioridades que não sejam as que levam ao **ter**, **ter**, **ter** – o **ser** não é algo que conte.

Neste contexto entende-se porque o gênero mais valorizado seja o masculino. Aquilo que Deus concedeu ao gênero feminino como benção (a gestação, o cuidar da criança, com consequente vida de trabalho mais no âmbito do privado [lar] do que no público) torna-se maldição no mundo das pessoas "adultas", da gente séria que "decide os rumos da história". Neste caso a mensuração de valores se dá a partir do lucro do capital e não do trabalho em si. Se o trabalho está associado

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 8 14/05/2012 16:45:04

à produção de riquezas então é sublime. Mas se está ligado à produção de vida e de valores, então é inferior. É menos valorizado, é menos remunerado (que mulher recebe qualquer honorário por dar à luz a um\a vida? Ou por passar tempo cuidando daqueles/as que foram gerados/as em conjunto com alguém do gênero masculino? E a criança, então? Esta nem sequer trabalha no privado – apenas dá trabalho e consome bens).

E muito mais se pode dizer de inúmeros outros trabalhos, ou de etnias ou de valores que são menosprezados, porque não servem aos interesses da produção do capital. Porém este é um tema que merece, por si só, estudos à parte.

Diferentes posturas

Num mundo ocidental capitalista e globalizado pode-se ter algumas diferentes posturas frente a esta forma ignóbil de poder: a da anuência, a da resistência , a da indiferença e a que está no do coração de Deus, O Criador.

a) A da anuência: esta é a que traz mais benefícios para este mundo visível. Assimila-se os valores de quem manda, joga-se segundo as suas regras, favorece-se seu comando e, em troca, recebe-se os benefícios. Estes são bem visíveis: aprovação social, popularidade, portas das oportunidades sempre abertas; riquezas (ou amizade com quem as tem); status de "pessoas de bem, educadas, finas, sensatas, equilibradas, etc". E tanto mais que se possa listar.

b) **A da resistência:** esta postura é a do/a perguntador/a, do/a observador/a, do/a autônomo/a, que se sente livre para ser e sentir-se parte do processo do exercício do poder e por isto não se sente inferior/a aquele/a que comanda. Quando percebe algo que entende ser desvio do governo, faz indagações. Via de regra, é tida como subversiva (com um teor jocoso feito aquele que se deu a comunistas: humanos/as maldosos/as que se "alimentavam de criancinhas" mortas por eles/as mesmos/as). Não é bem aceita porque aquele/a que está no comando e que teme qualquer questionamento, entendendo que fazê-lo é o mesmo que "querer tomar o lugar de".
Verdade que também há aqueles/as que só questionam porque querem mesmo ocupar o lugar de quem já está no poder. E o fazem pelo mesmo motivo de quem está lá: querem lucros pessoais trazidos pelo mau exercício da autoridade. Há pessoas que se alimentam disto. E Jesus disse claro: são como raças de víboras, dispostas a aparentarem justiça e honra em suas motivações, quando realmente têm o coração tomado por desejos malignos.
Também é fato que há os/as rebeldes sem causa: questionam o poder só pelo prazer de questioná-lo. Não necessariamente o almejam, mas têm desafetos para com quem o faz e se move por isto. Também há outros/as que só querem mesmo derrubar o poder estabelecido a fim de ocupá-lo. E pouco lhes importa se quem está no comando age com coerência e verdade. Isto não lhes basta. Querem que venha abaixo para que possam ascender a partir daí. Para tanto são capazes de qualquer ato ilícito, desde que se alcance o almejado. Maquinar o mal não lhes custa sequer rubor facial. São mesmo como abutres à espera da morte alheia.

c) **A da indiferença:** Esta postura costuma ser a mais comum. Não se sabe do assunto, não há preocupações com ele, não se tem tempo para isto, "quem comanda é quem sabe"; isto não é "função minha"; isto não é "coisa de crente"; isto é "política e não quero inteirar-me disto", são questões de comunistas e/ou feministas, etc. Tal postura tem origens diversas e seria tema para textos e mais textos. As mais comuns delas são: classes sociais não dominantes desprovidas da educação acadêmica e formadora de consciência crítica; educação acadêmica desprovida de educação cidadã; poder público que se abstém de sua função educadora prioritária, abstraindo recursos desta área para outras mais "rentáveis"; aspirações planejadas de manter a população distante do saber, para que se estabeleça o domínio escravagista com muito mais facilidade; discurso ideológico montado para estigmatizar negativamente toda e qualquer avaliação do exercício do poder vigente; usos das estruturas de poder para propósitos ilícitos tais como a violência (psicológica, moral, física, mental ou de propriedades), o controle, a submissão (troca de favores que na verdade seriam de direito) e tanto mais. Ressalte-se ainda: uso da religião como um instrumento para trazer submissão e docilidade aos/as comandados/as, revestindo a fé de interpretações ideológicas favorecedoras dos desmandos. As pessoas que exercem esta postura terminam por ser úteis a grupos oportunistas, que as usam segundo seus propósitos absolutamente distantes de qualquer bem estar da humanidade e do mundo cria-

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 9 14/05/2012 16:45:04

do. São como ovelhas pastoreadas por lobos / as devoradores/as.

d) A do coração de Deus: Também é verdade que há aqueles/as que almejam o governo por verem nele uma forma clara de serviço. São capazes de dar a vida pelo que crêem. Não se deixam corromper com as seduções satânicas de dobrarem-se e adorarem as formas corruptas para com isto obterem o mundo inteiro (ler Mateus 4). Foi assim com um número grande de servos/as de Deus, relatada em toda a extensão bíblica. Pode-se ver Abraão, Davi (em boa parte da sua vida), Moisés, Josué, Ester, Débora, Isaías, Ageu... Pode-se ver, sobretudo, Jesus: o exemplo perfeito e imutável de alguém que exerceu o mais absoluto poder possível, sem jamais aspirar ao lugar Daquele que o enviara (cartas aos Filipenses, aos Colossenses). Sem jamais desviar-se do propósito divino do poder: estabelecer a vontade de Deus na terra, para que o mundo se convertesse àquele que o criara. O exercício do poder não lhe era um fim em si mesmo e sim um instrumento de serviço a Deus e a toda a humanidade. Graças a este ministério alcançou seguidores/as leais e verdadeiros/as, como também inimigos/as ferrenhos/as e decididos/as tais como religiosos/as (os do sinédrio, alguns fariseus, zelotes e outros), políticos como Herodes, decepcionados/as como Judas, interesseiros/as como alguns/as da multidão de seguidores/as. De alguma forma todos/as estes/as agiam como Pedro o fizera antes da ressurreição (Marcos 8): tentaram desviá-lo do rumo da cruz. A todos/as Jesus respondeu tal como o fez a Pedro: "... quando fazem isto estão servindo aos interesses de Satanás. Por isto afastam-se de mim".

O poder e o gênero na Igreja

É neste contexto complexo de avaliação do exercício do poder que também se encaixa o governo da mulher na Igreja. Governo eclesiástico é também função de exercício de poder. Deus convida pessoas para auxiliarem-nO no governo do mundo que criou e lhes concede autoridade para tanto. Diferente do visto comumente, Deus convida pessoas para o exercício do SERVIÇO e é daí que lhes vem a autoridade. Enquanto servem aos propósitos de Deus em meio à humanidade, estas pessoas são reconhecidas como tendo autoridade vinda do Pai, porque ao exercerem o governo o fazem com o firme propósito de anunciar e fazer visíveis as boas novas do Reino de Deus. Nesta perspectiva o/a maior/a é aquele/a que serve a Deus e aos seus propósitos. O trono no qual se senta é o da Obediência e o que lhe dá autoridade para nele sentar-se é o carregar diário da cruz. Os interesses que movem este governo estão focados nos alvos divinos de fazer das pessoas novas criaturas, guiadas pelo Seu Filho Jesus. Seus/as participantes têm compromisso com a mesma cruz que Cristo carregou: amar a Deus acima de tudo e ao/à próximo/a como a si mesmo/a.

Sendo assim, este governo eclesiástico deveria ser sinal profético de Deus a todo o mundo existente. Deveria, mas nem sempre o é. O que ocorre é que valores do Reino do Pai são misturados aos do reino deste "mundo" – que por sua vez jaz no maligno. Ao invés de ser luz para o mundo, torna-se escuridão sob a influência dele. Por ser o evangelho de Jesus, a partir das suas bases de fé, uma loucura para este mundo, comumente se vê o povo de Deus cedendo às pressões e caindo em tentação. O exercício do poder eclesiástico perde a semelhança com o Criador e adquire uma performance do mundo decaído. Como diria a gíria: "é aí que o bicho pega". A leitura da Palavra deixa de ser renovadora para ser instrumento de manutenção do *status quo*. Ou então para ser apenas assunto de discursos, sem que provoquem qualquer mudança neste século. Com agravantes que podem torná-lo ainda mais maléfico: a divinização de quem o exerce. Aí então é que a situação fica ainda mais aterradora. Sob este foco é que qualquer questionamento do estabelecido corre o risco de ser taxado de "coisa de gente rebelde, que não honra aos/às ungidos/as de Deus". Pode-se chegar ao extremo ideológico de se chamar de incrédulos/as ou de possuídos/as pelo diabo aqueles/as que ousem inquirir o exercício do poder.

Numa conseqüente imitação do mundo descrente, repete-se a visão do papel e dos valores dos gêneros (feminino e masculino). Ao invés de se olhar o mundo na perspectiva de Deus Pai, passa-se a repetir padrões deste mundo tenebroso: aos homens producentes

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 10 14/05/2012 16:45:04

tudo; aos/às que se ocupam com funções menos importantes (diferentes daquelas de quem exerce o poder) apenas aquilo que lhes é "concedido". Embora seja sublime a maternidade, ela está associada a tarefas muito privadas e pouco rendosas. A vida intra lar é tida como forma de garantir o cuidado das necessidades básicas de quem cuida do mundo externo (este sim, é que é mesmo sério e prioritário). Assim alguém tem que ficar em casa e providenciar tudo de que necessita aquele que está na política, na saúde pública, nas chefias das instituições, nos escritórios... E conquanto se faça tal divisão de tarefas, não há peso de mercado a tarefa ligada aos relacionamentos, a valores, à vida. Confunde-se exercício de função com menos valia e escala de inferioridade. E quem governa o espaço privado é ideológica e culturalmente, convencido/a de que não tem direito e nem capacidade para governar – está "predestinado/a" a ser governado/a e a servir. Está predestinado/a a permanecer eternamente no nível do privado, sem jamais ousar deslocar-se para o público. O servir aqui é imposto, é estabelecido, é imutável, é irreversível e inquestionável. É um servir escravagista, desmerecedor, humilhante, aviltante e incondicional. Não se serve por um fim divino e remidor – serve-se porque há quem se vê no direito de ser servido e de ordenar submissão.

Por vezes a força cultural confessante da supremacia do gênero masculino é tão bem estruturada que O gênero feminino chega a vivenciar a Síndrome de Estocolmo: aquela que é sequestrada passa a admirar o sequestrador e a ajudá-lo no seu ato de contravenção. E ai de quem disser que o infrator está equivocado!

http://www.naturale.med.br/artes/6_michelangelo/Michelangelo

Desde o princípio

No princípio de todas as coisas Deus os fez homem e mulher, e os "chamou pelo nome de *Adam*" – Gênesis 3 e 5.1-2. E deu ao *Adam* (à humanidade) a função de governar o mundo criado (Gênesis 1.26ss). Todo e qualquer governo só tem sentido para Deus quando é exercido pelos/as constituintes da humanidade: homem e mulher. Esta parceria não é um jogo de palavras; é muito antes um plano de Deus para este mundo. Assim que o ser humano mutuamente avaliar-se segundo o querer regenerador de Deus, então escolherá o caminho da cruz. Nele não há homens nem mulheres, nem leigos/as e nem clérigos/as, nem índio ou negro. O que há são pessoas que optaram por serem discípulos/as de Cristo. Assim serão como Ele no exercício do governo. Mais lhes importará obedecer a Deus que agradar aos interesses deste mundo.

A partir desta vertente homem e mulher trabalharão a favor da vida, da salvação, da libertação de qualquer tipo de ingerência pecaminosa. Jamais um/a ou outro/a se conformará em ver pessoas como se fossem objetos ou pertences, que poderiam ser utilizados/as para ser-lhes serviçais de menos valia.

"Por isto mesmo entreguem as terras às filhas de Zelofeade"

Tal como aconteceu com Moisés, assim se dará com aqueles/as que são governo sobre cinco,

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 11 14/05/2012 16:45:04

dez, cem ou mil (ver Números 26 a 36). Moisés, nos dias do seu governo, fora abordado por cinco mulheres, conhecidas como sendo as filhas de Zelofeade. Este morrera e deixara cinco filhas. Não havia irmãos, não havia cunhados e muito menos marido na vida de qualquer delas. Para a análise daquele século estas mulheres estariam PERDIDAS, já que não havia um homem que pudesse dar-lhes nome, identidade e direito de existência. Era esta a visão de gênero daquela gente chamada povo de Deus. Em suas leis, que pretendiam ser representações da justiça e da ordem divinas, estava escrito que nenhuma delas teria direito aos bens que o pai deixara, após a sua morte. A única razão desta impossibilidade era o fato de a descendência de Zelofeade não contar com nenhum representante do gênero masculino. O "pecado" daquelas filhas era o de serem mulheres – isto lhes tirava o direito do governo das propriedades familiares. E segundo a lei não haveria o que discutir: que se cumprisse o escrito e que elas se ativessem a obedecer sem questionar. Lei é lei; ordem é ordem.

Neste cenário clássico surge o inesperado. Aquelas mulheres decidem ir até Moisés e pedir a ele que alterasse aquele enunciado legal e a elas concedesse as terras que foram do seu pai e, portanto, delas também. Sem dúvida este foi um clamor de coragem e até de subversão da ordem estabelecida. O que se esperava era que Moisés exercesse sua função legislativa e interpretasse a lei: "não, não era cabível dar ouvidos aquela petição. Que elas voltassem ao seu lugar de somenos e acatassem as sabedorias da lei". Mas não mais que de forma surpreendente, Moisés faz algo inusitado: pede tempo a elas para orar antes de respondê-las. MOISÉS DECIDE OUVIR DEUS E NÃO APENAS SEGUIR POR CAMINHOS JÁ ANTES CONHECIDOS. O fato é que, enquanto orava, Deus falou a Moisés: "Entregue a elas o que a elas pertence." E as terras de Zelofeade foram entregues às suas filhas, para que exercessem o governo delas.

Esta postura das filhas de Zelofeade é um convite a todos e a todas: é preciso enxergar além do vigente. Afinal, a lei está para garantir direitos e não para extraí-los. Assim muito mais a fé cristã: Jesus deu tanto valor ao clamor do mundo que se fez gente e habitou entre nós. Sua decisão implicou em resistir a muitos princípios que eram convenientes aos/as religiosos/as, mas que comprometiam os planos de salvação que Deus traçara para sua Criação.

Tal como as filhas de Zelofeade é direito da mulher requerer o direito cidadão e cristão de governar-se e de governar o mundo, a serviço de Deus. Jesus é prova cabal disto ao afirmar que só entra no Reino de Deus quem entende a mensagem de que o evangelho é um "virar icebergs" de cabeça para baixo. Era disto que Jesus falava quando, após discussão dos discípulos para saberem quem seria o maior junto a Ele, toma uma criança (símbolo do não-poder, do não-valor, do não contado) e afirma: "...quem recebe esta criança, a mim me recebe; e quem me recebe recebe ao que me enviou" (Marcos 9.26ss).

É imprescindível que aquele ou aquela que governa aprenda com esta atitude de Moisés: ouvir a Deus é caminho que traz mudança e justiça. No exercício do poder não se pode insistir em preservar valores que são do agrado do poder constituído mas que não agradam ao Todo Poderoso Criador dos Céus e da Terra. É necessário orar como Jesus o fez: "... seja feita a Tua vontade, assim na terra como nos céus".

Como conclusão...

Aquele que concedeu a mulheres e homens a benção do governo insiste que a humanidade é um binômio de mulher e homem. Nenhum lhe é mais ou menos. Todos/as lhe são caros/as. De todos/as espera que ouçam a voz Dele e que o sigam. A todos trouxe a salvação por meio de Jesus. A todos/as concedeu o Espírito Santo e os seus dons, a fim de que o Corpo caminhe em unidade. A todas e a todos destina a libertação, a transformação e a vida. Em todos/as quer restaurar a Sua Imagem e Semelhança. Por isto mesmo, quanto ao governo da mulher na Igreja, que se lhes "entregue as terras que lhe pertencem por direito". E que a voz da mulher ecoe como um canto profético da presença de Deus neste século.

Revma. Bispa Marisa de Freitas Ferreira é presbítera metodista no exercício do governo episcopal na Igreja Metodista no Brasil (Região Missionária do Nordeste).

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 12 14/05/2012 16:45:04

O Pastor não vem?

Ana Carolina Chizzolini Alves

Comecemos este ensaio explicando o título. Esta é aparentemente uma simples pergunta que sempre é feita nas Igrejas e recorrentemente usada quando, obviamente, o pastor não está presente em algum trabalho importante, evento ou data comemorativa daquela comunidade e o grupo tem a expectativa de sua chegada a qualquer momento.

Mas, para a história de algumas comunidades, e especialmente, na vida de algumas mulheres, esta pergunta não é tão simples ou corriqueira. Ela reflete a ausência. Ausência de que?

Por algumas comunidades pentecostais pelas quais passei como visitante, onde era convidada para ministrar cursos de leitura bíblica, introdução ao olhar teológico e até mesmo para pregar, ouvi algumas vezes esta pergunta. Claro que, inicialmente a recepção sempre é muito positiva. As pessoas demonstravam alegria com a minha chegada, perguntavam os passos da minha formação, elogiavam meu currículo, se mostravam admiradas com minha idade, até mesmo quando mencionava minha biografia, quando tinha decidido fazer teologia com apenas dez anos de idade. Na maioria das conversas, o rumo era certo e a pergunta chegava aos meus ouvidos como um punhal em meu coração. E o pastor? Não vem? Nas primeiras vezes dessa experiência eu devolvia esta pergunta com outras que, na minha opinião, forçariam as pessoas a descreverem exatamente do que elas estavam falando: que pastor? O seu pastor? O pastor da sua Igreja?

Na minha cabeça sempre passavam muitas impressões quando isso acontecia. Sou pastora e ordenada como manda a tradição e a lei da minha Igreja. Sou convidada como pastora para fazer apresentações e apresentada como pastora. Por que o pastor precisaria estar junto? Quem é este pastor? De quem as pessoas estão falando? Será que não tenho voz o suficiente para me fazer ouvir? O que me falta para ser ouvida? Ao externar este pensamento, algumas vezes obtive a resposta de que uma mulher sem a companhia de um homem, principalmente na Igreja, é ruim. Talvez para algumas Igrejas, uma mulher solitária, sem companhia masculina, não pode ser usada por Deus porque está incompleta em sua existência e vazia de sentido – porque não se realiza em suas qualidades principais de esposa, mãe e cuidadora, como mandam as Escrituras – ou como alguns dos intérpretes das Escrituras dizem que elas mandam.

Um testemunho presente

Pode parecer que este testemunho seria muito comum no século passado. Pode também aparentemente salientar que algumas Igrejas têm pensamentos do século passado. Pensamentos machistas que impõem às suas mulheres a obrigação da companhia masculina para validar e legitimar sua trajetória ministerial. E poderíamos afirmar que na tradição metodista isso não acontece.

Será que teríamos condições de afirmar tão categoricamente que as mulheres da tradição metodista, nos dias atuais não passam por essa cobrança? Afirmaríamos com toda a certeza que as leigas da Igreja Metodista são plenamente reconhecidas por suas obras e dedicação? Poderíamos dizer com propriedade que as pastoras da Igreja Metodista não são submetidas a este tipo de cobrança?

corbis.com/ 840879_33368687

Não sei. Não tenho certeza que esse seria um

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 13 14/05/2012 16:45:04

discurso feito a uma só voz com uma resposta tão certa e tão politicamente correta. Considerando também que, cada resposta é construída sob uma experiência, e os sujeitos são donos do conteúdo de cada momento experienciado na sua trajetória de vida, logicamente teríamos o poder e o direito de responder a partir daquilo que teríamos vivido. Portanto, minha resposta será de acordo com o que tenho experimentado em minha caminhada ministerial e costurada por impressões pessoais.

Na Igreja Metodista não enfrentei diretamente esta pergunta, mas, passei muitas vezes por situações que me faziam pensar se estava sendo cobrada apenas como pastora ou simplesmente por ser mulher. Isso não é vitimização, mas quando se trata do exercício do carisma pastoral, algumas vezes fui questionada em situações a que presenciei meus colegas pastores serem submetidos, sem ser questionados. Isso me remetia a, constantemente, refletir sobre o meu lugar e o meu papel na Igreja Metodista.

Quero entender e sempre procuro me lembrar que, aprendi nos estudos de história da Igreja que a participação no cristianismo antigo dos primeiros séculos, possibilitou que as mulheres se libertassem de papéis sociais tradicionais de suas épocas e as fortaleceu para serem sujeitas de seus próprios corpos e de sua sabedoria (conferir Rosane Pletsch no texto "Diaconia e Corpo" na obra *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*, EST, Cebi & Sinodal, 2004, p. 215). E quais são os papéis sociais tradicionais? De quais papéis sociais a autora se refere e que ela associa a uma prisão para as mulheres?

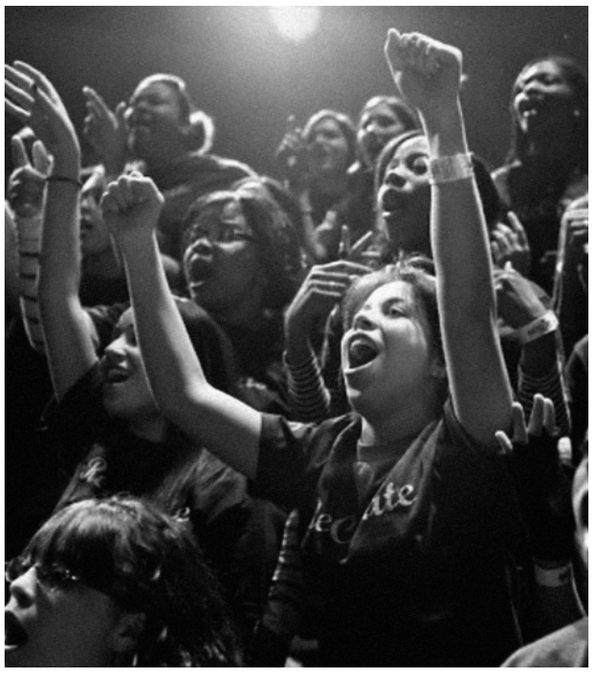
Contradições no Metodismo

Os papéis sociais são diferentes da compreensão da função biológica de cada indivíduo. Ao perguntar sobre os motivos das construções sociais que moldam os papéis dos indivíduos podemos notar que, socialmente falando, depositamos nos indivíduos expectativas e obrigações de funções sociais que entendemos que, pelo senso comum, seriam "naturais". A função social da mulher sempre esteve atrelada a tais obrigações consideradas naturais. A maternidade, a submissão ao homem, os préstimos domésticos sempre foram atribuídos às mulheres com a explicação de que isso seria fundamental para a sua existência, para a sua realização e completude como mulher e que já estaria pré-determinado que tais funções são naturais. As mulheres seriam, na formação dos deveres sociais, naturalmente mães, naturalmente submissas e naturalmente prestadoras de serviços relacionados ao cuidado dos outros. A liberdade cristã se fez presente quando tais papéis foram destituídos de sua naturalidade e percebidos como imposições escravizantes para as mulheres e entendidos como funções sociais.

O movimento metodista, com o nascer da modernidade no mundo ocidental, também colaborou para o fortalecimento dessa revisão dos papéis sociais e a libertação das mulheres de tais grilhões imputados sobre elas. A Inglaterra do século XVIII, berço do movimento metodista, presenciou o crescimento na participação das mulheres, que encontravam, em grupos avivados, os seus espaços marcados pela liberdade de pensamento, crenças dos direitos da consciência e igualdade espiritual (conferir Maria Inês Simeone no texto: "A Participação das Mulheres no Movimentos Metodista Nascente" na obra *Prática e Teologia na Tradição Wesleyana* – John Wesley 300 anos, Editeo, 2008, p. 51). É claro que a realização das mulheres e sua inserção no movimento metodista, principalmente nestes primórdios, está marcada por muitos conflitos sociais e ainda atrelada aos ditos papéis sociais. Papéis marcados pela sua época. Mas, a experiência das mulheres nesse período nos dá pistas de que, na trajetória da formação e institucionalização do movimento metodista, as mulheres colaboraram de forma significativa.

Sendo assim, retomo a singela problemática trazida inicialmente. Ao olhar para as nossas Igrejas, nos dias atuais, de que forma temos enxergado o papel das mulheres e qual é o lugar delas na participação e sustentação da mensagem do Reino de Deus? As mulheres metodistas ainda enfrentam as expectativas imputadas

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 14 14/05/2012 16:45:05


corbis.com/42-26805440

a elas através das cobranças? Qual é o lugar que as mulheres, e especiamente as pastoras, têm ocupado no desenvolvimento, na composição hierárquica e nas relações em nossas Igrejas Metodistas?

Visando porporcionar uma discussão sobre o papel das mulheres metodistas e compreender as relações tecidas no interior das Igrejas nasceu uma parceria internacional. A Divisão de Mulheres, a Junta Geral de Ministérios Globais, a Igreja Metodista Unida (nos Estados Unidos), em parceria com o projeto *Sabedoria e Testemunho* e a Secretaria Executiva Nacional de Educação Cristã da Igreja Metodista no Brasil, no ano de 2004, lançou um Guia de Estudo intitulado *Gênero e Igreja – educar para trasnformar*, com o intuito de promover nas comunidades locais metodistas um debate, metodologicamente promovido em módulos temáticos, que teria a intenção de diminuir as desigualdades de gênero (as relações de poder) dentro da Igreja e na sociedade. O material, no prefácio à versão em português é apresentado em caráter experimental com o desafio de "ser adaptado para as diversas realidades das mulheres e das Igrejas" (p. 5).

Até agora, em meu ministério, não tive o privilégio de presenciar o uso deste material nas Igrejas pelas quais passei. Essas questões sobre a utilização e a necessidade do material me remete a outra pergunta que precisamos refletir com sinceridade: Existe discriminação nas Igrejas? Existem desigualdades entre homens e mulheres? Nossa Igreja tem fomentado discursos misógenos que impedem a participação reconhecida das mulheres na sustentação da Igreja Metodista?

Reconciliação em Cristo!

A única certeza que tenho é o que vivo em meu ministério. Com o tempo aprendi a responder a pergunta que tanto me perturbava: O pastor não vem?

Aprendi a responder que ele vem, e já está comigo, porque o Pastor que eu estou esperando que me acompanhe é exclusivamente o Senhor da Igreja: Cristo! Que é o companheiro de todo/a o/a caminhante que trilha os passos do carisma pastoral. Não me sinto inferior por ser mulher, por ser pastora ou por não atender nenhuma expectativa social. Aprendi que o lugar da mulher na Igreja Metodista é onde ela quer estar. Se a oportunidade de estudar e pregar me foi dada quero estar ali, na Igreja exercendo minha tarefa com amor, carinho e dedicação. Se a oportunidade e o espaço que me foi dado não me são suficientes, então farei da minha voz um instrumento, baseada nos princípios do evangelho (com respeito, amor e oração) para me fazer ouvir. Esta não é a única forma para resolver os conflitos que ainda enfrentamos com as transformações sociais. Nas reflexões que se seguem nesta revista, seremos desafiada/os a olhar para nós mulheres, para os homens e nossos espaços na Igreja. Olhar com mais atenção. Precisamos avaliar com maturidade se ainda vivemos em nosso meio desigualdades de gênero e relações truncadas entre mulheres e homens, nos diversos patamares da Igreja.

Somos usadas/os para ser luz do mundo. A luz não resolve o que as trevas escondem. A luz apenas clareia o cômodo para que tudo seja visto com nitidez. Que Cristo nos ensine a brilhar para sinalizar se vivemos tempos de desigualdades e nos torne maduras e maduros para sermos a luz do mundo! E que a reflexão sincera seja o primeiro passo da reconciliação da Igreja! Boa leitura!

Revda. Ana Carolina Chizzolini Alves é presbítera metodista, servindo na Pastoral Escolar e Universitária do Instituto Metodista de Ensino Superior.

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 15 14/05/2012 16:45:05

O papel das associações de mulheres na igreja

Jane Eire Silva da Mata

As mulheres são como coluna vertebral na igreja que mantém viva a fé em suas comunidades. Essa constatação traz a memória que a mulher foi feita a partir de uma costela de Adão. Ora, não foi por mero acaso que Deus fez a mulher a partir de uma costela, isso tem uma razão, ou uma explicação. A coluna vertebral acolhe os músculos e juntos dão sustentação ao corpo humano, entrelaçados protegem os órgãos vitais do corpo humano. As mulheres na igreja acolhem outras mulheres, se ligam de tal forma, que juntas proporcionam a sustentação da igreja, protegem toda a comunidade gerando vidas espirituais. É uma reflexão que me faz entender que nesta ação Deus especificou o papel da mulher ao criá-la a partir de uma costela.

Arquivo Igreja Metodista

Na caminhada como mulher e líder de mulheres na Igreja Metodista tenho tido a oportunidade de observar como as mulheres são unidas, acolhedoras e como estas atitudes vão somando e tecendo o corpo da igreja, gerando vidas que tem a oportunidade de conhecer a Jesus Cristo, e entregar suas vidas a Ele.

Mulheres metodistas organizadas

Apesar de a maioria da liderança na igreja ser exercida pelos homens, são as mulheres que colocam em ação as atividades que movem as igrejas, para isto se organizam em grupos, em associações, em sociedades, enfim conforme a tradição de cada denominação.

Ao se organizarem, as mulheres, além do exercício das atividades que lhes são designadas, também aproveitam estas oportunidades para conversarem, exporem suas dificuldades pessoais, aconselharem-se, a tal ponto de perceberem que elas são capazes e podem, igualmente como os homens, exercer as atividades de lideranças nas igrejas. Descobrem que têm condições de exercer funções públicas, que podem representar-se. Que o ministério pode ser exercido tanto por homens como por mulheres, e já começam a buscar este espaço.

As mulheres são capazes de se mobilizarem e organizarem de tal forma, a exemplo que a Federação Mundial de Mulheres Metodistas é reconhecida pela ONU como a maior organização não-governamental no mundo, pois congrega algo em torno de 7,5 milhões de mulheres em mais de 90 países no mundo. A Federação Mundial de Mulheres Metodistas se empenhou de tal forma na criação da UNICEF, que tem em caráter permanente a função de Vice-Presidente nesta instituição.

As mulheres metodistas na América Latina estão organizadas desde 1932, e foram elas que ousaram enviar missionárias para os países como Bolívia, Peru, Equador, contribuindo significativamente na expansão e formação da igreja naqueles países. Em outras oportunidades as mulheres latino-americanas foram capazes de gerir recursos para subsidiar as igrejas, em formação, em alguns dos países na América Latina. Também apoiaram e tiveram sua participação na formação do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e do Caribe (CIEMAL), órgão que congrega a Igreja Metodista em 20 países da

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 16 14/05/2012 16:45:06

America Latina e do Caribe. Hoje, na Confederação de Mulheres Metodistas da América Latina e do Caribe, fazem parte cerca de 34 mil mulheres, em 18 países Latino-americanos.

Não poderia ser diferente nas igrejas do Brasil: as mulheres de igual modo representam em torno de 60% dos membros na Igreja Metodista, estão organizadas em sociedades federadas e lideradas por uma Confederação. Na Confederação de Mulheres no Brasil estão filiadas cerca de 16 mil mulheres, participantes das sociedades de mulheres metodistas espalhadas em todo o território nacional.

Nos congressos nacionais promovidos pela Confederação as mulheres estabelecem seus planos de ação para, nas sociedades, desenvolverem atividades tais como: acolher mulheres, conscientizar as mulheres de suas vulnerabilidades, fragilidades e fortalecê-las, conferindo-lhes amor, afeto, apoio, dignidade, discipulando-as, capacitando-as. Assim as mulheres estão prontas para a missão e a evangelização, que é a finalidade maior das igrejas para a expansão do Reino de Deus.

Mulheres formadas para a ação

Se formos buscar os fatos na história de formação de nossas igrejas, facilmente vamos identificar que, na maioria das vezes, congregações foram forjadas a partir de uma mulher, e/ou, um grupo de mulheres que iniciaram os trabalhos naquela localidade. Isso observamos desde os tempos do movimento metodista na Inglaterra no século XVIII, quando mulheres lideravam nos grupos de crescimento na vida cristã, pregavam a palavra, ensinavam nas escolas bíblicas dominicais, a exemplo de Suzana Wesley, que fez de sua cozinha um espaço para ouvir as pessoas, aconselhar e ensinar acerca da palavra de Deus.

No ano de 2011, o prêmio Nobel da Paz foi conferido a três mulheres: a presidente da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf, a militante Leymah Gbowee, também liberiana, e a jornalista e ativista iemenita Tawakkul Karman, conforme a matéria noticiosa descreve a seguir.

> Presidente da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf, tem de 72 anos e foi a primeira mulher a ser livremente eleita presidente de um país africano, em 2005. Economista e mãe de quatro filhos, a "Dama de Ferro" foi reeleita em 2011. "Desde sua posse em 2006, contribuiu para garantir a paz na Libéria, para promover o desenvolvimento econômico e social e reforçar o lugar das mulheres", disse Jaglan, presidente do comitê do Nobel, ao justificar a premiação.
>
> "Nada deveria levar as pessoas a fazer o que fizeram com as crianças da Libéria", drogadas, armadas, convertidas em máquinas de morte, explicou em um documentário - "Pray the Devil back to Hell" (Reze para o Diabo voltar ao inferno) - sobre a luta das liberianas pela paz.
>
> Essa luta "não é uma história de guerra tradicional. Trata-se de um exército de mulheres vestidas de branco, que se ergueram quando ninguém queria fazê-lo, sem medo, porque as piores coisas imagináveis já haviam ocorrido conosco", escreveu em sua autobiografia.
>
> "Trata-se da maneira como encontramos a força moral, a perseverança e a valentia para levantar nossa voz contra a guerra, e reestabelecer o sentido comum em nosso país", disse Jaglan, ao justificar a premiação. Ellen afirmou que ela e Leymah Gbowee aceitam o prêmio em nome do povo liberiano e dividido também com a iemenita Tawakkul Karman, por causa da luta não violenta

Arquivo Igreja Metodista

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 17 14/05/2012 16:45:06

do trio, para a segurança das mulheres e pelos direitos das mulheres à sua plena participação na construção da paz e trabalho (de http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/tres-mulheres-dividem-o-premio-nobel-da-paz-de-2011.html)

Destaco estas informações porque constatamos a garra da mulher cristã, as armas que utilizam em suas lutas, "o poder da oração" e naturalmente esta fé e convicção foram forjadas no seio de uma igreja, no caso de Ellen Johnson Sirleaf, foi em uma Igreja Metodista. Tive o privilegio de ouvir esta mulher em agosto de 2011, na 12ª Assembleia Mundial de Mulheres Metodistas na África do Sul dando o testemunho de seu trabalho. De Leymah Gbowee sabemos apenas que se trata de uma mulher cristã. O importante é que são mulheres de fé.

Espaço aberto

Posso afirmar que muitas mulheres anônimas, que pertenceram ou pertencem a uma de nossas sociedades de mulheres com esta mesma determinação, ousadia e fé, levantam sua voz a favor dos necessitados, daqueles discriminados,

arquivo Igreja Metodista

de vítimas das mazelas sociais em nosso país, conferindo-lhes dignidade, cidadania.

Agradecemos a Deus pela vida destas mulheres com nome e sem nome que entenderam na plenitude o mandamento da grande comissão: *Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo* (Mateus 28.19).

Lembrando um texto da metodista Maria Luíza Fagundes: "... que tempos são estes, quando violência vem de todos os lados, e até do próprio povo? Mas o que podem fazer os cristãos, que podem fazer as mulheres, para influir de modo positivo, capaz de determinar mudanças? ... É preciso encontrar sob a inspiração e orientação de Deus, a melhor solução. O que não é possível, é ficarmos surdas, fecharmos os olhos e cruzarmos os braços, como se o problema não existisse ou não fosse nosso. Sonho para a mulher cristã de nosso país, da América Latina, de todo o mundo, um engajamento em torno das grandes causas, na busca de soluções para os problemas que angustiam nossos povos. ... Sonho para a mulher cristã uma presença mais efetiva nas Igrejas e na comunidade...."

Esta preocupação, angústia e realização destes sonhos percebemos em todo este relato que torna evidente a força das mulheres, ou seja, das sociedades de mulheres, grupos de mulheres, associações de mulheres que estão presente sem todos os momentos da Igreja ao longo da história. E, em cada igreja, por menor que seja, ali estão as mulheres desempenhando o seu papel no cotidiano de suas comunidades na promoção da justiça e paz, para que o Reino de Deus seja estabelecido em sua plenitude.

Jane Eyre Silva da Mata é leiga metodista da 5ª Região Eclesiástica (Estados do, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, interior do Estado de São Paulo e parte do Estado de Minas Gerais) e Presidente Emérita da Confederação de Mulheres Metodistas da América Latina e do Caribe (CMMALC)

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 18 14/05/2012 16:45:06

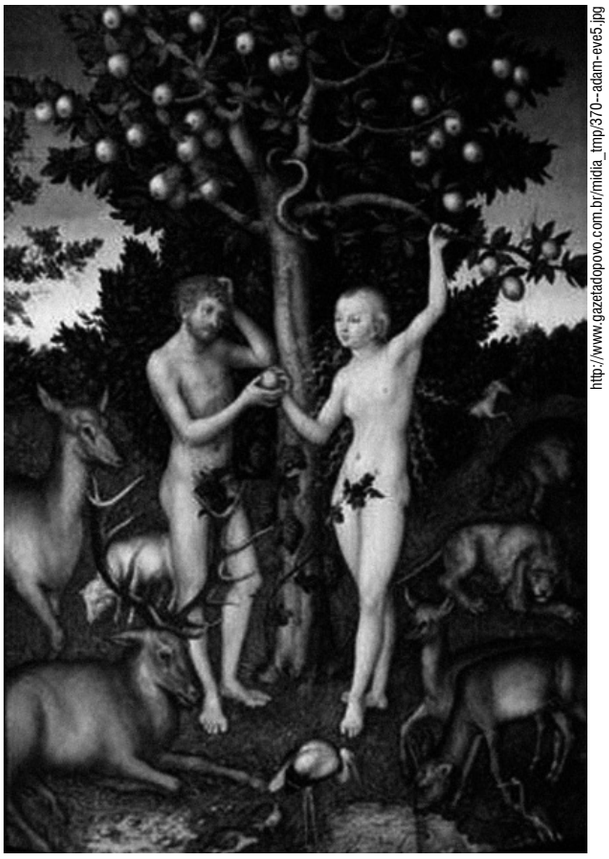
O legado de Eva

Ricardo Lengruber Lobosco

Naquela manhã, as coisas estavam estranhamente diferentes. Depois de dias de trabalho muito fecundo e de um descanso merecido e regozijado, o Criador se viu diante de um dilema: manter as coisas como estavam e, do seu lugar, viver na contemplação da obra criada, ou, em lugar disso, mergulhar mais profundamente na criação e com ela interagir pessoalmente.

Foi o que fez: pela primeira vez, saiu de si e, esvaziando-se, penetrou no mundo Criado e armou sua habitação entre tudo que fora por suas mãos moldado e vivificado. Descobriu-se em meio a uma névoa densa e perdida por entre os vales e montanhas. Por mais que procurasse, não conseguia enxergar nada entre si e o horizonte, nada além do sereno madrigal que esconde e revela paulatinamente o que sob si adormece

Nesse instante, talvez acocorado e sentindo o cheiro da terra molhada, passou as mãos por sobre o solo e percebeu que estava na hora de um gesto último: modelou um indivíduo profundamente diferente de tudo que havia sobre a terra recém-nascida, diferente de toda ave e todo réptil, diferente de todo mamífero e todo primata. Mas, curiosamente, intimamente a eles ligado e dependente. Com a argila úmida, moldou um ser de pé e com olhos mirados avante. Um indivíduo com o cérebro proporcionalmente maior e mais desenvolvido. Equipado com polegar invertido, capaz de pinçar, se movimentado com o indicador; com pernas fortes e bem articuladas, capazes de dar estabilidade e mobilidade; com aparelhos orgânicos estranhamente capazes de adaptação e sustento.



http://www.gazetadopovo.com.br/midia_tmp/370--adam-eve5.jpg

Não bastasse toda essa sofisticada máquina orgânica e tão prenhe de possibilidades, viu o Criador que lhe faltava o essencial. Viu que não haveria diálogo e era isso que mais interessava naquele momento. Todos – mesmo o Criador – buscamos sempre por comunicação. Por mais que persigamos a singularidade que nos dá a garantia de nossa individualidade, nunca deixamos de desejar ser comuns com o que e com quem nos cerca. Foi nessa ambiguidade perene que o Criador soprou o vento que Lhe alimentava desde a Eternidade e fez com que penetrasse pelas narinas daquele primeiro indivíduo, que abriu os olhos, os ouvidos, a boca e, talvez, tenha ameaçado os primeiros passos.

"Não é bom que o homem fique só"

Assim foi o Natal de Adam. Nascido das mãos do Criador, era ambivalentemente terreno e divino. Terreno como todos os seus irmãos vegetais e animais, produzido com o que a terra tem de vivo em si e que se entrega tão generosa e potentemente. Divino como o Criador que desejava ardentemente alguém com quem se comunicar.

O Homem é Adam porque é filho de ***adamah*** (a terra úmida cheia de vida), mas é ***nephesh*** porque é filho do Criador, doador de toda Vida que há. Estava claro, agora, o que se queria dizer com "à nossa imagem e seme-

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 19 14/05/2012 16:45:06

lhança"; imagem e semelhança da Terra e de Deus. Esse somos nós, filhos da Terra e filhos de Deus!

Isso feito, o que parecia terminado se mostrara apenas começando. Num gesto pedagogicamente paterno, o Criador passou a ordenar o mundo criado e a ele dar a forma de

corbis.com/ -42-29010444

um jardim em que havia árvores de todos os tipos e serventias. Árvores para apreciar, para comer, para aprender e para viver. Cada uma em seu canto, cada uma com sua particularidade. O Homem foi colocado no meio disso tudo e a ele foi confiada a missão de guardar o Jardim. Na planície (éden) espalhada, o Homem se viu com a nobre tarefa de nomear os bichos e plantas, além de regar dia-a-dia as pequenas mudas para fazerem-nas crescer e frutificar; com a missão árdua, mas utilmente digna, de domesticar e criar animais.

Foi nesse cenário, Criador, mundo criado e Homem semelhante ao Criador e ao mundo criado, que se percebeu que algo estava, por incrível que pareça, incompleto. A obedecer uma lógica cartesiana, nada estava faltando; mas viu Deus que não era "bom" que o Homem ficasse só. Ainda que semelhante ao Criador e semelhante a tudo que o cercava, Adam estava, sim, só.

Foi aí, no instante da consciência da solidão, que Deus fez Adam dormir profundamente e dele retirou uma costela do peito e, dessa costela, fez emergir Eva e os entregou um ao outro. Viram-se nus, homem e mulher; e, ambos desenvergonhados, entrecuzaram os olhares e fizeram-se mutuamente seus, um do outro! Afinal, eram osso dos seus ossos e carne de sua carne. Eram como um só!

Juntos encontraram-se pelo Jardim e, no Jardim gozavam da presença do Criador, como que num mundo em que Deus e Homem e Mulher são todos uma coisa só, indistintamente.

Primeiro a vida, depois o texto

Lido dessa forma, o capítulo dois do livro de Gênesis nos faz crer que de Deus fez-se o Homem e, do Homem, fez-se a Mulher. Numa linha sucessória que garante ao macho a supremacia sobre a fêmea e que a coloca num patamar de igualdade relativa; igualdade porque é osso e carne do homem, mas relativa porque é dele criada e para ele dedicada.

Pensado numa cultura fortemente patriarcal, Gênesis 2 ajuda a legitimar o lugar do pai na casa. Dá à mulher um lugar secundário, embora cheio de afagos e juras de reciprocidade.

A questão, todavia, é que Gênesis 2 não termina no seu último versículo. É preciso ler Gênesis 3 para compreender melhor as coisas. Não vale, entretanto, lê-los como crônica da história; antes, como narração mítica, que faz compreender as coisas pelo seu avesso e por suas entranhas e não, simplesmente, pela superfície do texto.

Das muitas árvores no Jardim, havia uma proibida pelo Criador. Tratava-se da árvore do conhecimento do bem e do mal. Ao que parece, até esse momento, Homem e Mulher não faziam escolhas e não decidiam por onde caminhar. Sem conhecer e distinguir entre bem e mal, a vida não passava de uma sucessão de dias e noites, indiscriminadamente dirigida pelo instinto.

E aí a história narra a entrada em cena de uma serpente que convencera Eva de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e esta, Eva, convenceu Adam a comer também do mesmo fruto. É muito curioso ler Gênesis 3.6 porque Eva viu que aquela árvore era

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 20 14/05/2012 16:45:07

boa para se comer. Afinal, era o fruto que os faria saber diferenciar o bem e o mal!

Não se pode fazer julgamento de valor nesse momento, afinal ainda não sabiam distinguir o certo do errado. O que é possível é fazer um juízo de fato: diante deles havia uma árvore que lhes daria o passe de entrada no mundo da Ética. Comeram!

A primeira reação foi enxergarem-se nus e, como consequência, cozeram vestes para se guardarem mutuamente. Em seguida, descobriram as dores do parto e do trabalho. Por fim, sentiram-se desconfortáveis com a presença do Criador no mesmo Jardim e se esconderam.

Embora a tradição secular da Igreja tenha nos ensinado que Gênesis 3 trata de uma queda, os versículos 22 e 23 revelam algo surpreendente:

> *Eis que o Homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente: o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado*. Não fomos expulsos porque erramos ou desobedecemos, mas porque chegamos muito perto do Criador, mais perto do que fora planejado.

Considero que a Criação tenha encontrado seu ponto crítico não em Gênesis 1.26 ou em 2.7, quando Homem e Mulher foram criados à imagem e semelhança do Criador, antes, em Gênesis 3.6-7, quando Eva lançou-se corajosamente a experimentar daquela árvore e aprendeu a escolher, distinguir e decidir. Deixamos de ser simples imagem e passamos a ser como o próprio Deus, quando Eva nos incentivou a conhecer o bem e o mal e deles fazer distinção e por eles guiar nossas escolhas e decisões.

Penso que Gênesis 2 e 3 devam ser lidos de trás para a frente. O que vem primeiro é a vida tal como ela é. A vida do trabalho, da dor, das alegrias e das decepções; a vida do parto, da terra seca e dos abrolhos. Depois é que vêm as tentativas de entendimento das coisas. Primeiro vem a vida, depois vem o texto.

O encontro homem-mulher-Deus

Creio que o Israel de quatro ou cinco séculos antes da Era Comum estava em busca de respostas para o drama da vida. Talvez tenham visto que a vida é o que é por conta do imponderável que transcende a alçada de interferência humana (daí a majestade do ato criador de Deus), mas, também, e não menos importante, das escolhas feitas na própria vida por homens e mulheres de carne e osso.

É muito interessante que numa sociedade patriarcal, os autores de Gênesis tenham visto no encontro homem-mulher as razões de tudo: do mal e do bem. Tenham descoberto que foi em nome do encontro que homem e mulher decidiram ousar e arriscaram dar um passo adiante.

Eva nos ensinou que Adam sozinho não ousaria largar o Éden. Foi Eva que nos encorajou a enfrentar a natureza, a cultura, o trabalho, a família e a sociedade e nos ensinou o que significa a palavra Ética, porque, pela primeira vez, nos fez discernir entre o Bem e o Mal.

Talvez, então, fosse o caso de pensar com categorias que só mais tarde passariam a fazer sentido pleno: Deus que se fez Homem; Deus que se fez Mulher! Na Criação, já há, antevista, a Encarnação; o Verbo se fez carne e costela, se fez homem e mulher.

A exemplo do que aconteceu com Jesus – em Marcos 7.24-30 (quando a mulher siro-fenícia o fizera ver que o amor de Deus supera toda fronteira e alcança a todos, indiscriminadamente) – Eva ensinou a Javé que a criação queria mais para si do que mera semelhança com o Criador; o ser humano exigia autonomia, criatividade e, por fim, liberdade.

E Deus que pensava, no início, em contemplar a obra criada e sua beleza, agora estava eternamente envolvido com as escolhas humanas, alegrando-se e sofrendo com as mesmas; por isso, nunca mais nos abandonou!

Rev. Ricardo Lengruber Lobosco é presbítero metodista na 1ª Região Eclesiástica (Estado do Rio de Janeiro, doutor em Teologia e professor de Antigo Testamento na Faculdade de Teologia do Centro Universitário Bennett).

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 21 14/05/2012 16:45:07

Caladas na Igreja?

Compreendendo as ideias de Paulo sobre a participação das mulheres na Igreja

Marcelo da Silva Carneiro

Iniciando a conversa

Pensar Paulo e a liderança ou a participação das mulheres na Igreja tem levantado várias polêmicas e discussões sobre o assunto. Isso porque até meados do século XX toda uma construção de pensamento que deixava a mulher de fora dessa esfera era corrente. "Lugar de mulher é no apoio ao trabalho masculino", diziam as vozes correntes, em geral, mas não exclusivamente, masculinas. Como carro-chefe dessa posição, estava a fala de 1 Coríntios 14.33b-34,35b: *Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar. Porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja.*

As últimas décadas permitiram enxergar a questão sob outro prisma, pensando o contexto maior da situação da mulher no mundo romano, assim como pela releitura de diversos textos. Assim é que este pequeno ensaio vai procurar apontar pistas para uma leitura de Paulo para além de um versículo isolado, na melhor tradição wesleyana de deixar a Bíblia explicar a Bíblia, além do uso de conhecimentos históricos que possam nos ajudar na interpretação adequada da forma como Paulo lidou com a presença feminina na organização e liderança da Igreja.

Nem homem (macho) nem mulher (fêmea): igualdade como princípio

O princípio evocado por Paulo em Gálatas 3.28 aponta para a igualdade nas relações: entre *judeus* e *gregos*, *escravos* e *livres*, e *homens* e *mulheres*. Os termos usados (respectivamente *arsen* e *thely*) correspondem à expressão de Gênesis 1.27: os gêneros masculino e feminino. De tal modo, Paulo pode estar se referindo a uma forma batismal primitiva, que indicava a igualdade dos diferentes no acesso à comunidade. Se por um lado essa igualdade podia não existir fora da Igreja, era de se esperar que ela existisse dentro. São categorias importantes no mundo romano, e em especial para os convertidos à nova fé em Jesus Cristo.

Com relação à questão do gênero, Paulo não ignorava a diferença no tratamento entre homens e mulheres na vida pública romana. De fato, as mulheres romanas tinham bastante espaço: podiam ser donas de negócio, comprar e vender, até mesmo administrar a casa. Por outro lado, muitas aconselhavam os maridos políticos, mesmo não podendo exercer cargos efetivos. Assim, na sociedade romana, a mulher tinha seu espaço não-oficial de exercício de atividades públicas, o que na prática queria dizer que estava sempre à sombra dos homens.

De modo diferente, as comunidades paulinas prezavam pela possibilidade da presença igualitária de diferentes grupos, mas não sem conflito. Basta pensar num dos problemas de Corinto, em que um grupo de abastados (provavelmente homens livres e ricos) tomava a ceia antes do restante da comunidade (os pobres e escravos), conforme 1Co 11.17-34. Aliás, que comunidade problemática era Corinto: tinha caso de incesto (1Co 5.1); vários partidos, cada qual querendo se impor sobre os demais (1Co 3.1-9); problemas com mulheres e seus cabelos no culto público, confundindo a audiência com os cultos helênicos (1Co 11.1-16); confusão no culto, por falta de ordem litúrgica (1Co 14) bem como confusão na consideração pelos dons, colocando-os acima do amor (1Co 12 e 13).

Não é de se estranhar que a participação das mulheres no culto trouxesse complicação: ninguém se entendia ali! E as mulheres acabaram "pagando o pato"; pelo menos como nos chegou a carta de 1 Coríntios, deveriam ficar submissas, "como também a lei o determina" (1Co 14.34c). Que estranho, Paulo falando em seguir a lei! E logo em relação às mulheres! Misógino, se apressam a afirmar alguns; uma palavra mal interpretada, dizem os defensores da honra do apóstolo. Como resolver essa difícil equação, de ordem e lei diante da graça, da igualdade e da liberdade que o próprio apóstolo tanto valoriza em todas as suas cartas?

Saudai Priscila e Áqüila: a liderança feminina em evidência

Para se ter um quadro maior da questão vale a pena ver a parte final da "rainha das cartas", como é conhecida a Epístola aos Romanos. Uma car-

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 22 14/05/2012 16:45:07

ta elaborada para uma comunidade que Paulo nem conhecia, e que traz no fim uma sequência bem grande de saudações. Pode bem ser um bilhete de saudação posterior ao tempo em que Paulo esteve em Roma, anexado depois de sua morte à carta principal, que terminaria em 16.2. Seja como for, destacam-se diversos elementos relacionados a mulheres atuantes nessa e noutras comunidades. Vejamos em Romanos 16:

v.1-2: Paulo recomenda a irmã Febe, Diaconisa (a tradução de Almeida afirma "que está servindo", mas o grego é substantivo e não verbo) de Corinto (Cencreia pertencia a Corinto). Temos aqui uma pequena carta de recomendação anexa à carta principal: ela é protetora de muitos, "de mim inclusive", diz Paulo.

v. 3-5: Ele manda saudação à Priscila e Áqüila, casal que parece ter conhecido em Corinto, segundo Atos 18.1-2. No caso, atente para a ordem: a mulher é citada antes do homem, e ambos são chamados de cooperadores de Paulo. Há quem afirme que ela era a principal liderança na igreja que se reunia na casa deles, e Paulo reconhece isso.

v.6: Paulo cita mais uma mulher, Maria, "que muito trabalhou por vós". Mostra alguém atuante e de destaque.

v.7: Manda saudações a outro casal, Andrônico e Júnias, a quem ele se reporta como "parentes (melhor 'compatriotas') e companheiros de prisão, os quais são notáveis entre os *apóstolos* e estavam em Cristo antes de mim". Quanta informação importante! Muitos tentaram transformar Júnias em um homem, porque todas essas considerações de Paulo incomodam a ouvidos que não aceitam mulheres na liderança. Mas não se encontrou na Antiguidade nenhum homem com esse nome, pelo contrário, a terminação é típica de nomes femininos romanos. Confirmada que Júnias era mulher, ratifica-se a existência de, pelo menos, uma apóstola no período inicial do cristianismo, sendo bastante possível que houvesse mais como ela. Ser apóstola demandava proclamar o Evangelho, e isso contradiz completamente a ordenança de 1Co 14. 33b-34.

v.12: Paulo envia saudações a Trifena e Trifosa, bem como Pérside, todas colaboradoras efetivas.

v.13: Saudação a Rufo "e à sua mãe, que também tem sido mãe pra mim". A consideração do apóstolo pela mãe de Rufo é muito grande, só esqueceu de mencionar o nome. Preferiu chama-la pelo carinhoso tratamento de mãe.

v.15: Por fim, além de saudar vários homens, cita nominalmente Júlia, bem como Olimpas.

O que podemos indicar a partir desse trecho tão curioso de Romanos? Que a presença feminina nas igrejas não só era marcante, como importante e estava no mesmo nível da presença masculina. Não temos estatísticas da época para perceber o percentual feminino nas igrejas, mas seja como for, a presença delas na liderança e como cooperadoras efetivas era expressiva, e o texto afirma isso por si. Assim, já temos parte dos elementos para analisar o problema de Corinto.

Rogo a Evódia e Síntique: os desafios da liderança feminina

Vamos avaliar outro caso, agora na carta aos Filipenses. Quase no fim dela Paulo solicita a duas lideranças que cheguem a um acordo sobre algum assunto, e pede ao "fiel companheiro de jugo" que *as auxilie*. Quem são elas? Evódia e Síntique, duas mulheres que lideram a igreja de Filipos, a quem Paulo chama de cooperadora, pois "juntas se esforçaram comigo no Evangelho". Ora, qual era a tarefa de Paulo em relação ao Evangelho? Anunciar, proclamar a Palavra de Salvação. Se elas se esforçaram junto com ele, provavelmente o foi na tarefa do anúncio e da pregação.

A presença feminina na liderança traz desafios, pois onde as pessoas se colocam em evidência pode haver momentos de questionamento e até diferença de ideias. Nesse sentido, a orientação do apóstolo é importante para evitar um racha na comunidade, que pode comprometer o mesmo trabalho que elas se esforçaram por iniciar. O universo da liderança tem como premissa a defesa de ideias e ideais que muitas vezes se contrapõem a de outras lideranças, e isso acontece tanto na liderança feminina quanto masculina. Paulo sabe disso, e em vez de eliminar as lideranças, "segundo a lei", pede pelo consenso, como seria de esperar, a mesmo atitude que tomaria caso essas lideranças fossem masculinas.

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 23 14/05/2012 16:45:07

"As mulheres fiquem caladas": soluções para o problema

Segundo o que já vimos acima, a situação em 1 Coríntios nos retrata um quadro de crise, com muitos problemas a serem tratados quase simultaneamente. Sendo assim, Paulo estabelece alguns critérios que, numa análise mais atenta, deixa entrever soluções nem sempre adequadas para os casos. Um caso desses pode ser visto no capítulo 7, onde o apóstolo responde a alguns questionamentos que não estão claros, mas que tem a ver com sexualidade. O pano de fundo parece ser a vinda de Cristo e o nível de santidade que as pessoas devem buscar na preparação para a *Parousia* (manifestação) de Cristo.

Ali Paulo orienta os solteiros e viúvos a permanecerem como ele (7.7-8), ou seja, sem casamento. O que está por trás dessa orientação é, como já apontado, uma expectativa de que a qualquer momento Cristo se manifestará, e será, portanto, perda de tempo ocupar-se com as coisas "do mundo" (7.33), que é a situação dos casados, porque têm que agradar à esposa. Ora, se a Igreja realmente seguiu essas orientações, pode-se imaginar os conflitos resultantes disso a médio prazo, tendo em vista que Cristo afinal não se manifestou.

Assim é que Paulo, em 1 Coríntios, nos passa a imagem de um pastor agitado com a comunidade, desejando intensamente resolver as situações e debelar os incêndios ocasionados por diversos focos. E são as mulheres os alvos fatais, não se sabe exatamente porque. Seria em virtude do problema do véu, que tinha a ver com possíveis identificações com o culto helenístico de Afrodite? Se for, a orientação do capítulo 14 está vinculada à orientação do capítulo 11. Mas é uma contradição gritante, posto que o uso do véu em 11.1ss é uma forma de estabelecer critérios para as mulheres poderem orar e profetizar *em público*, ou seja, no culto. E no capítulo 14.33b-34 ele proíbe essas mesmas mulheres de falarem *em público*. Diante dessa contradição, só podemos pensar em algumas hipóteses:

- O texto de 1 Coríntios reúne diferentes bilhetes que, por tratarem de problemas diferentes, acabam se contradizendo, após reunidos num mesmo conjunto;

- O texto de 1 Coríntios é uma unidade, mas a participação das mulheres incomodou de tal maneira que alguém inseriu essa parte (14.33b-34) posteriormente à morte de Paulo. Essa hipótese é muito aceita por alguns especialistas, mas carece de testemunho escrito, ou seja, mesmo os manuscritos mais antigos de Coríntios contém esse trecho.

- O texto específico de 1 Co 14.33b-35, seria uma citação de Paulo a um texto escrito por membros da Igreja (o capítulo 7.1 mostra que ele recebeu um texto) mas que não indica claramente. Seria o caso de colocar todo o trecho entre aspas. Diante disso, o versículo 36 seria um questionamento ao desejo dos autores do texto de proibir as mulheres de falar na Igreja.

Pode ser um pouco estranho que tenha acontecido isso, mas diante do contexto geral que temos, tanto na própria carta aos Coríntios, quanto nas demais cartas paulinas (com exceção de 1 Timóteo 2.9-15, que é um caso para outro artigo), é bastante plausível que seja a hipótese de uma citação de um texto que Paulo recebera e que insere de forma irônica. Isso seria uma forma de dizer: vocês pensam que calando as mulheres resolverão os problemas da Igreja? Com isso, o texto ganha o colorido de um argumento para ser questionado e posto abaixo com arguição e contestação.

Concluindo sem encerrar a reflexão

Nossa intenção aqui não foi nem defender nem acusar Paulo, mas na medida do possível mostrar de forma neutra como o ministério e as igrejas por ele formadas tinham plena participação das mulheres, de diferentes formas, mas sobretudo como liderança e proclamadoras da Palavra. Sendo assim, torna-se relevante perceber uma lógica de coerência no pensamento de Paulo com relação às "irmãs". Colocar sob a égide do apóstolo todo um mecanismo de opressão do ministério feminino é ignorar o todo de seus escritos, que nos mostram outro panorama, de uma igreja inclusiva, participativa e sem distinção dos gêneros.

Fica então o desafio e o incentivo de termos cada vez mais a participação plena das mulheres, especialmente proclamando o Evangelho, quais Marias anunciando a ressurreição. Se elas se calarem, as pedras clamarão.

Rev. Marcelo da Silva Carneiro é presbítero metodista da 1ª Região Eclesiástica (Estado do Rio de Janeiro), doutorando em Ciências da Religião e professor de Novo Testamento na FaTeo.

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 24 14/05/2012 16:45:08

Ser Comunidade é Ver com Cristo (João 20.19-31)

Blanches de Paula

Introdução

Pesquisadores afirmam que o ser humano pode memorizar 83% do que vê. Uma curiosidade que nos convida a percebermos que nossa visão tem uma capacidade de captar muitas informações em pouco tempo. Além disso, os olhos são considerados na tradição bíblica um símbolo do julgamento e decisão. Preciosidades simbólicas que nos remetem a nossa vida de fé e caminhada como comunidade. Ademais, os olhos também vinculam-se ao conhecimento e a conversão que dessa forma está ligada ao nosso crer. O evangelho de João é um convite ao diálogo do processo de crer para ver por meio de temas como a criação ("No principio era o Verbo") e a nova aliança de Deus com as pessoas por meio de Cristo ("E o Verbo se fez carne"). Nosso olhar para o texto expressa-se em três alguns ângulos.

www.corbis.com/42-29215082

Primeiro: A comunidade que vê e crê

O nascedouro da comunidade se dá quando Cristo está no centro e é reconhecido como Messias, Filho de Deus. É a comunidade que acolhe Jesus depois de enfrentarem o medo, a frustração. A saudação que Jesus faz é expressão da marca da comunidade, a Paz! Essa Paz é o cuidado de Jesus, presença ressurreta diante das vulnerabilidades humanas. É relevante destacar que uma das primeiras atitudes de Jesus foi mostrar as marcas de sua dor e do seu amor. O corpo vivo é expressão da fé na ressurreição e no nascimento da comunidade.

Quando os discípulos expressaram alegria ao ver o Senhor, novamente Jesus falou: "Paz seja Convosco", reafirmando um dos objetivos de ser comunidade. Quando compreendemos que esse é o eixo da proposta do Reino de Deus, estamos aptos para a missão. Por isso, Jesus envia os discípulos, e sopra sobre eles o Espirito Santo que os capacita para testemunhar o Evangelho. O Espírito Santo que os vivifica e que dá nova esperança em meio à morte. Quem recebe o sopro do Espírito, também recebe a capacidade de amar e perdoar. Poderíamos nos arriscar a dizer que o Pentecostes Joanino é a capacidade que é dada aos discípulos de perdoar os pecados. Ou seja, esse "Pentecostes" relaciona-se diretamente a uma proposta de convivência em prol da paz e não da violência.

Segundo: O discípulo que não crê e vê

O outro momento desse texto está no conhecido texto de Tomé que tem sido alvo de várias interpretações sobre crer e não crer. Tomé é convidado para participar da comunidade quando Jesus após dizer "Paz seja convosco", volta-se para ele e novamente, por meio do Seu corpo, demonstra sua vida ressurreta. Jesus

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 25 14/05/2012 16:45:08

convida Tomé para tocar nas marcas da cruz instaladas em seu corpo. Tomé que não estava presente no primeiro dia da semana, se mostra descrente em relação ao testemunho dos discípulos: "se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos... (v.25).

Embora Tomé demonstre uma incredulidade advinda de alguém que estava fora da comunidade, quando Jesus esteve entre os discípulos pela primeira vez, tem a oportunidade de ser incluído por meio do convite de Jesus: **crer na ressurreição do corpo**. É a vida concreta pulsando na comunidade. É assim que Tomé percebe que ao seu redor estão os demais discípulos, as marcas do sofrimento do Mestre, o Jesus ressurreto, a comunhão entre pessoas que se tornam irmãos e irmãs em Cristo e são capazes de perdoar e anunciar um Reino de Paz. Uma comunidade que aceita o incrédulo, aquele que vez ou outra pode titubear na fé. A profissão de fé de Tomé: «Senhor meu e Deus meu!», que reconhece Jesus como Messias, Filho de Deus, feita diante da comunidade, expressa seu compromisso com o Cristo ressurreto.

corbis.com/42-21945121

A profissão de fé de Tomé o faz crer para ver.

Terceiro: Felizes que os que não verão e crerão

A bem-aventurança mencionada por Jesus vincula-se diretamente a missão que é dada aos discípulos de proclamarem as pessoas o Evangelho da Paz. Crer e Ver são prerrogativas indispensáveis para quem opta pela radicalidade do Evangelho que é viver em comunidade. A comunidade cristã nasce também da proclamação do Evangelho àqueles/as que ainda crerão em Jesus Cristo como Filho de Deus.

Jesus mantem a tônica de que bem-aventurados aquelas pessoas que ao crerem assumem o ser comunidade no dia a dia, na solidariedade com os/as irmãos que suporta os medos, as dúvidas, as frustrações e os abandonos. Quando a comunidade se reúne ao redor de Cristo, compreende que podem caminhar juntos/as em meio as marcas do sofrimento e do amor de Deus. A comunidade pode criar sinais da nova vida, nova criação, novas oportunidades para todos/as aqueles/as que têm coragem de assumir seus limites diante do Mestre e deixar que ele sopre sobre nós o Espírito Santo que nos une, capacita e nos ajuda a crer para ver. O crer e o ver são vivenciados nas atitudes de compromisso com as pessoas. A Comunidade dos Visionários do Ressurreto, ou seja, aqueles/as que têm a "Visão" integral do Reino e Amor de Deus, tornam-se testemunhas da vida que crê, perdoa, supera preconceitos, acolhe o incrédulo e anuncia a nova vida em Cristo. Ser Comunidade é Ver com Cristo!

Revda. Blanches de Paula é presbítera metodista da 4ª Região Eclesiástica (Parte do Estado de Minas Gerais e Estado do Espírito Santo), doutora em Ciências da Religião e Professora na Área de Teologia Pastoral na FaTeo.

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 26 14/05/2012 16:45:08

BÍBLIA e VIDA:

A Palavra de Deus no caminho e na partilha do pão

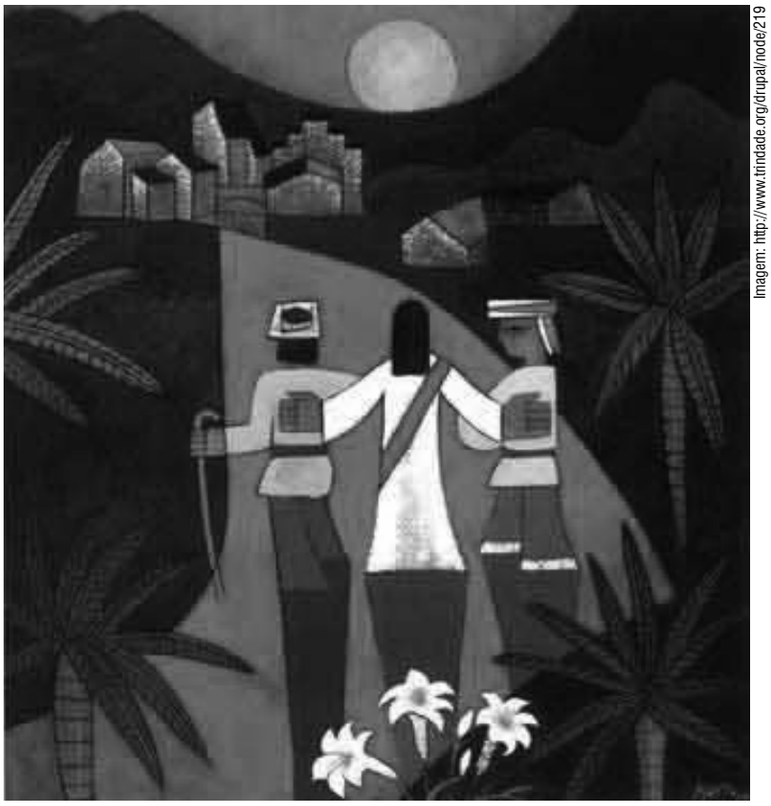


Imagem: http://www.trindade.org/drupal/node/219

Liturgia do Encontro

Sino

♫ **Prelúdio**

Entrada da Bíblia

Leitura: *Lucas 24.13-15*

"Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas. Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles.

♫ **Ó vem, caminhante, meu desconhecido** (1ª. estr.)

Ó vem, caminhante, meu desconhecido,
a quem eu me apego,
mas não posso ver!
Quem, neste caminho,
me havia seguido
se foi, estou só e sem nada saber.
Aqui, toda a noite pretendo ficar
lutando contigo até o dia raiar.

[L: Charles Wesley; Trad. Simei Monteiro;
M: Melodia tradicional Irlandesa; Harm: Liséte Espindola]

Oração

Liturgia do Cotidiano

♫ **Leitura:** *Lucas 24.16-24*

"Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer. Então, lhes perguntou Jesus: Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais? E eles pararam entristecidos. Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias? Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam. É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram."

Compartir
(de três em três)

♫ **Ó vem, caminhante, meu desconhecido** (2ª. estr.)

Quem sou e o que
fiz, tu já me revelaste;
confesso a miséria do
meu caminhar.
Meu nome eu ouvi pois
tu me chamaste
e inscrito em tuas mãos
vais meu nome guardar.
Mas quem, quem és tu?
Eu preciso saber!
Ó vem, bem depressa,
teu nome dizer.

Liturgia do Palavra

Leitura: *Lucas 24.25-27*

"Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras."

♫ **Ó vem, caminhante, meu desconhecido** (3ª. estr.)

Vem, fica ao meu lado
porque já fraquejo
e, embora confie, é grande a opressão.
Ó fala bem perto, é tudo
o que almejo,
e inclina os ouvidos à

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 27 14/05/2012 16:45:08

minha oração.
Ó fala! Senão não te deixo, Senhor.
Só quero saber se teu nome é Amor!

Proclamação da Palavra

Liturgia da Mesa

Leitura: *Lucas 24.28-31*

"Quando se aproximavam da aldeia para onde iam, fez ele menção de passar adiante. Mas eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles."

"O rei, o pão e as crianças" (por Kennie Ladeira Mendonça)

Partilha eucarística

♫ **Ó vem, caminhante, meu desconhecido** (4ª. estr.)

Amor, é Amor! Foi por mim que morreste!
Escuto, em sussurro, no meu coração.
As trevas se inundam de brilho celeste,
tu és, do amor, a infinita expressão.
Ó vem, das entranhas da graça e favor,
essência divina, teu nome é Amor!

Liturgia da Missão

Leitura: *Lucas 24.32-35*

"E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras? E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém, onde acharam reunidos os onze e outros com eles, os quais diziam: O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão! Então, os dois contaram o que lhes acontecera no caminho e como fora por eles reconhecido no partir do pão."

♫ **Ó vem, caminhante, meu desconhecido** (5ª. estr.)

Eu sei quem és tu, és Jesus Cristo, o amigo;
apoio sincero do frágil e incapaz.
Tu não me abandonas na noite, em perigo,
Mas cheio de graça, por mim velarás.

essência divina, teu nome é Amor!

Oração final

Bênção

♫ ***Amém***

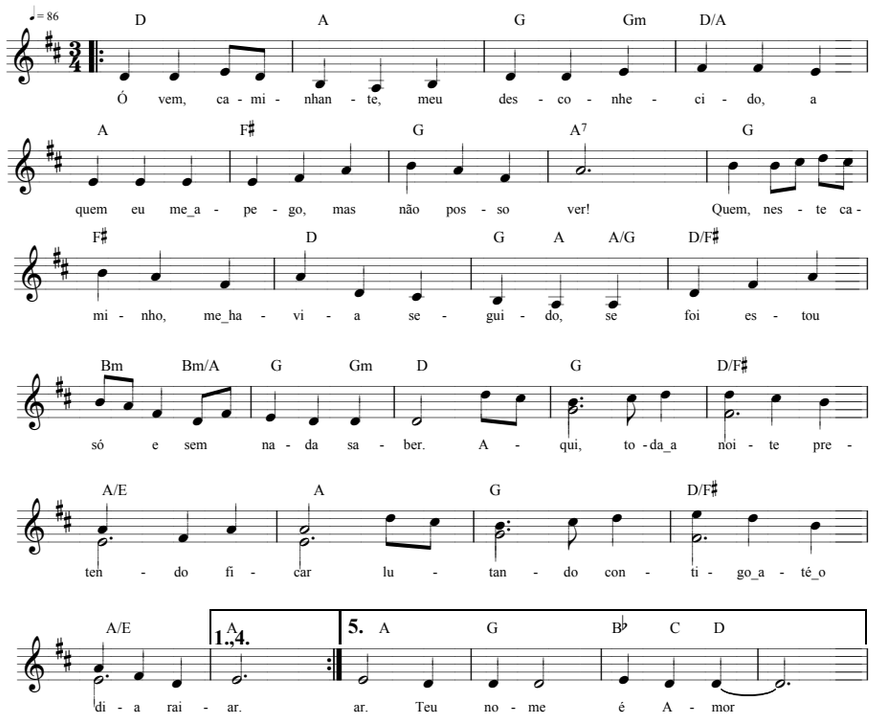
Sino

Liturgia preparada pela **Coordenação de Liturgia & Arte da FaTeo** para o Encerramento da Semana de Estudos Teológicos da FaTeo (Rudge Ramos, 29 de outubro de 2010)

Ó vem, caminhante

Charles Wesley
Trad.: Simei Monteiro

Melodia tradicional irlandesa
Harm.: Liséte Espíndola



2.
Quem sou e o que fiz, tu já me revelaste;
confesso a miséria do meu caminhar.
Meu nome eu ouvi, pois tu me chamaste
e inscrito em tuas mãos vais meu nome guardar.
Mas quem, quem és tu? Eu preciso saber!
Ó vem, bem depressa, teu nome dizer.

3.
Vem, fica ao meu lado porque já fraquejo
e, embora confie, é grande a opressão.
Ó fala bem perto, é tudo o que almejo,
e inclina os ouvidos à minha oração.
Ó fala! Senão não te deixo, Senhor.
Só quero saber se teu nome é Amor!

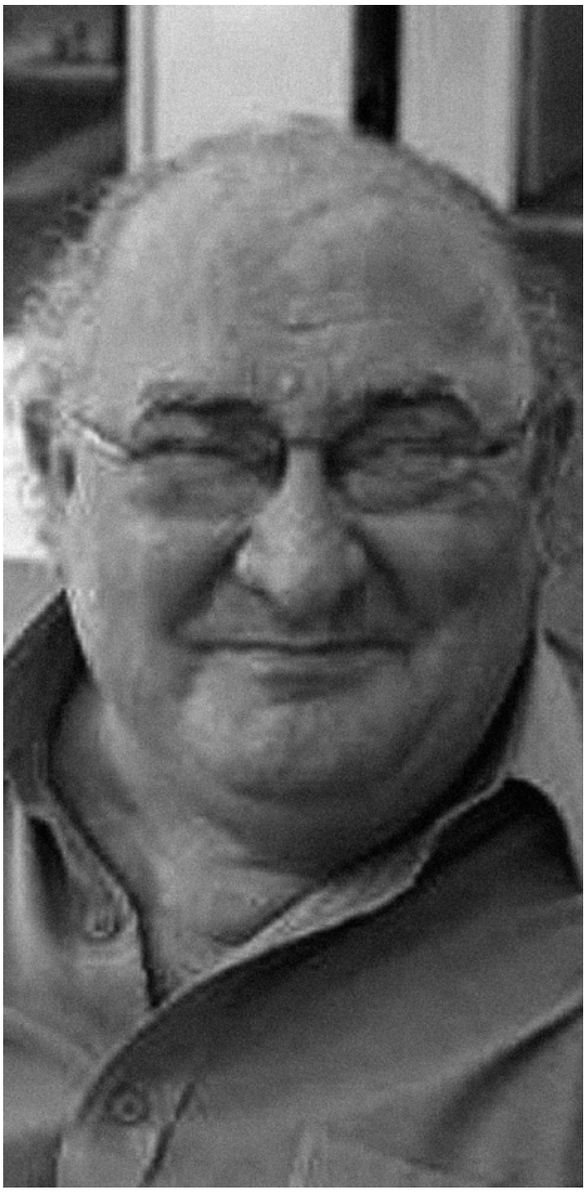
4.
Amor, é Amor! Foi por mim que morreste!
Escuto, em sussurro, no meu coração.
As trevas se inundam de brilho celeste,
tu és, do amor, a infinita expressão.
Ó vem, das entranhas da graça e favor,
essência divina, teu nome é Amor!

5.
Eu sei quem és tu, és Jesus Cristo, o amigo;
apoio sincero do frágil e incapaz.
Tu não me abandonas na noite, em perigo,
Mas, cheio de graça, por mim velarás.
Mercê infinita, eterno favor,
essência divina, teu nome é Amor!

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 28 14/05/2012 16:45:08

Sentar em união é bom e bonito (Salmo 133)

Tércio Machado Siqueira



http://cebirs.files.wordpress.com/2012/03/dsc6068-2-400.jpg

Quero dedicar esta meditação ao meu professor Milton Schwantes. Durante 32 anos convivemos e trabalhamos juntos na busca de facilitar a leitura da Bíblia. Mesmo sendo reconhecido internacionalmente, como *expert* dos estudos da Bíblia, Milton era amigo e companheiro de todos e todas. A fama nunca lhe subiu à cabeça.

Escolhi este salmo para homenageá-lo, porque o ensino contido nele coincide com aquilo que o Milton sempre praticou na sua prática de vida. Obrigado, Milton!

Introduzindo o estudo do Salmo 133

O Salmo 133 é uma das menores composições do livro de Salmos. Apesar do tamanho desta composição, ela nos comunica o valor e a força da fraternidade. Este tema não pertence a um tempo específico na história do povo bíblico, mas é possível constatar que este salmo faz parte de uma coleção denominada "Cântico das Subidas", conforme os cabeçalhos dos Salmos 120-134.

Acredito que a cidade de Jerusalém sempre foi alvo de peregrinações, mesmo antes de sua conquista por Davi (2 Samuel 5.6-10). Cerca de quatro séculos depois, o rei Josias (640-609 aC) centralizou o culto em Jerusalém, e com isso a visita à cidade, durante as festas cúlticas, foi institucionalizada.Poucos anos depois, Jerusalém foi destruída (587 aC), e a peregrinação voltou acontecer após a reconstrução do Templo (515 aC). Portanto, é difícil sugerir uma data para esta composição, pois se trata de um tema de importância permanente para o povo. Todavia, a expressão *a barba de Aarão* (v. 2b) pode indicar o período pós-exílico. No Segundo Templo, a família de Aarão assumiu a posição de sumo-sacerdote do santuário central, em Jerusalém.

Comentário do texto

a) Para começar

Inicialmente, o comentário pede uma análise da forma do texto em questão. Lendo o Salmo 133, podemos constatar que ele tem quatro partes: Cabeçalho (v. 1a); Exclamação pela fraternidade (v.1b); Comparações através de metáforas (v.2-3a); Conclusão (v.3b).

Assim, temos diante de nós dois caminhos de interpretação: o primeiro refere-se ao

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 29 14/05/2012 16:45:11

cabeçalho, Cântico das Subidas, para Davi. Boa parte dos/as estudiosos/as afirmam que os cabeçalhos são anotações feitas à parte da autoria de cada salmo. Cerca de 34 salmos não têm cabeçalhos. A atribuição do Salmo 133 a Davi é complicada, pois ele morreu antes da construção do Templo. Tudo faz crer que o Salmo 133 foi escrito como uma homenagem a Davi. Em segundo lugar, devemos analisar tão somente a composição propriamente dita (v.1b-3).

b) Bom e bonito

Conforme a divisão estrutural do corpo do Salmo 133, a primeira parte é uma exclamação que comunica a alegria do salmista pelo encontro dos membros da comunidade de fé: Eis! Quão bom e quão belo (é) sentarem irmãos juntos em união (v.1b). Esta exclamação é tão importante e básica que o salmista usa um advérbio para introduzi-la: hineh, eis. Trata-se de uma chamada de atenção, permanente, para toda a comunidade do povo de Deus. Certamente, os seus ouvintes não davam o devido valor ao fato de sentarem juntos em união. Provavelmente, o povo desdenhava e desprezava a vida comunitária. O salmista percebia que a comunidade entendia os advérbios bom e bonito como termos referentes à beleza exterior, estética ou à utillidade lucrativa. Todavia, o salmista empregou o adjetivo hebraico tob, bom, no mesmo sentido que o narrador viu e interpretou a Criação de Deus: Deus viu que tudo era bom (Gênesis 1,4.10.12.18.21.25.31). Assim, quando as pessoas sentam juntas em união a vida da comunidade fica bela, bonita e agradável. Não só isto, mas também forte e produtiva.

c) Duas comparações

O salmista quer ensinar à sua comunidade o bom viver. Para ele, o encontro de irmãos e irmãs é tão bonito, bom e vital para a vida da comunidade que ele faz duas expressivas comparações.(v.2-3a). A primeira refere-se ao óleo: *Como óleo bom sobre a cabeça, o que desce sobre a barba, a barba de Aarão, que desce sobre a gola de suas roupas* (v.2b).

Para entender a comparação do óleo com a recomendação de *sentarem juntos em união* exige destacar a importância desse produto vegetalpara o povo bíblico: o óleo é alimento, remédio, cosmético, combustível e hidratante. Por escassez de água, o povo do Antigo Oriente Médio usava o óleo perfumado no corpo para limpar; higienizar, tonificar a pele, enfim prover conforto e perfume. Por estas utilidades, o óleo tornou-se um produto sagrado, usado na unção de reis e sacerdotes, especialmente. Êxodo 28.15-30 diz que Aarão guardava no peitoral (sob a gola) 12 pedras preciosas (12 tribos irmãs). Se o óleo desce pela gola das vestes, ele perfumará as 12 pedras ou tribos, tornando-as tonificadas.

Assim, viver fraternalmente juntos torna a vida feliz, agradável e perfumada.

A segunda comparação refere-se ao orvalho do Hermon: *Como o orvalho do Hermon que desce sobre os montes de Sião* (v.3a). A baixa humidade da terra de Israel provoca a secura da pele. Entretanto, o Monte Hermon, com suas permanentes geleiras, providencia, mesmo no verão, a humidade dos ares para refrescar o clima dos campos, provocando névoas, nuvens e chuvas e, consequentemente, renovação da vegetação. Além disso, o Monte Hermon é, provavelmente, a mãe ou o berço do rio Jordão. Assim, viver fraternalmente juntos torna a vida fecunda e agradável.

d) Instrução e advertência

O salmista complementa sua instrução sobre o valor do convívio dos irmãos e irmãs na comunidade. Além de afirmar que a disposição de sentarem juntos traz o bem e a beleza para o convívio da comunidade, o salmista acrescenta algo mais duradouro nessa relação: *Atenção! Ali Javé ordena a bênção, a vida para sempre* (v.3b). Para aprofundar, ainda mais, o sentido desta frase final, recomendamos colocá-la em paralelo à exclamação do verso 1b: *Eis! Quão bom e quão belo (é) sentarem irmãos juntos em união* (v.1b). *Atenção! Ali Javé ordena a bênção, a vida para sempre* (v.3b). O paralelismo destas duas frases enriquece a nossa compreenção deste salmo. Primeiramente, o salmista usa dois advérbios – *hineh, eis!* e *ki, eis que!* – com a intençao didática e profética. Poderíamos traduzi-las por *atenção* já que ambas as frases encerram uma instrução e advertência para a comunidade. Em segundo lugar,

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 30 14/05/2012 16:45:11

Arquivo da família Schwantes

o paralelismo destas duas frases coloca a ordem de Javé e Sua bênção como ações imprecindíveis na formação da comunidade. Em terceiro lugar, o salmista quer afirmar que o convívio bom e bonito dos membros da comunidade traz bênção e vida para sempre.

Conclusão

(1) O Salmo 133 é um dos 15 "cânticos das subidas" para Jerusalém. Caminhada e peregrinação implicam em companheirismo. O bom e bonito é que os membros da comunidade caminhem juntos em união.

(2) O Salmo 133 traz instrução e valoriza a unidade e fraternidade: (a) entre membros da família – irmãos de sangue; (b) entre povos – dimensão internacional; (c) entre religiões – dimensão ecumênica e (d) entre todas as pessoas – dimensão humana.

(3) Sua autoria tem origem entre os sábios e profetas que constroem o tempo. Eles são professores do bom viver. Os salmos desse gênero literário são sintéticos e apresentam os valores que dão sentido à vida das pessoas, dos grupos familiares, das comunidades e da humanidade. Para o salmista, os irmãos devem viver juntos, em comunidade.

(4) A frase principal deste salmo encontra-se nos versos 1b e 3b: *Eis! Quão bom e quão belo (é) sentarem irmãos juntos em união* (v.1b) ... *Atenção! Ali Javé ordena a bênção, a vida para sempre* (v.3b). Este é o núcleo nutritivo e saboroso desta composição, e ela começa declarando que quando os irmãos sentam-se juntos em união é bom e bonito. Quando o povo de Deus despreza a instrução de *sentarem juntos em união*, a vida fica sem graça, sem vida e sem a bênção de Deus.

(5) O Salmo 133 ensina que a bênção de Deus acontecerá com intensidade quando os irmãos e irmãs sentarem juntos em união. Aí, a vida será mais fraterna, fecunda, agradável, feliz e perfumada. Assim, o ensino do Salmo 133 foi anunciado por Jesus:

Jesus disse que somos irmãos: ... *todos vós sois irmãos* (Mateus 23.8);

Jesus disse que somos ramos de uma só videira: *Eu sou a videira e vós os ramos* (João 15.5).

Jesus orou assim: *Pai nosso que estás nos céus* (Mateus 6.9).

Jesus anunciou um novo mandamento: *ameis uns aos outros.* (João 13.34).

Jesus comparou a comunidade do povo de Deus com *a videira e os ramos* (João 15.1-17).

Rev. Tércio Machado Siqueira é presbítero metodista da 4ª Região Eclesiástica (Parte do Estado de Minas Gerais e o Estado do Espírito Santo), doutor em Ciências da Religião e professor de Antigo Testamento da FaTeo.

Mosaico_janeiro_junho_2012.indd 31 14/05/2012 16:45:11